UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Letícia Marchiori Teixeira

O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO "*THE END* DOS BEATLES" 40 ANOS DEPOIS

Passo Fundo

2012

Letícia Marchiori Teixeira

O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO "*THE END* DOS BEATLES" 40 ANOS DEPOIS

Monografia apresentada ao curso de graduação em Jornalismo da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial para obtenção do título de Jornalista sob a orientação do Professor (a) Mestre Maria Joana Chaise.

Passo Fundo

2012

Para minha mãe, Cleomar Menegaz Marchiori, que tornou possível o objetivo de cursar Jornalismo. Também dedico este trabalho ao meu irmão, Antônio, pela paciência e ajuda. Aos Beatles pelo legado deixado ao mundo, pois sem eles esse trabalho não existiria.

Agradeço a Deus pelas oportunidades que me concedeu até o presente momento e pela vida ao lado de minha mãe, que sempre fez com que a nossa história fosse mais bonita, esquecendo-se dos problemas do dia-a-dia.

Agradeço a minha mãe, pelo apoio incondicional em todos os meus planos, principalmente no desejo de crescer, evoluir e encontrar um caminho. Pelo incentivo em seguir em frente mesmo que o caminho, às vezes parecesse escuro e tortuoso.

Agradeço também ao Doce Solano pela ajuda em busca de matérias e dados sobre os The Beatles. A sua ajuda e dicas foi fundamental.

Agradeço profundamente a profª. Mestre Maria Joana Chaise, orientadora desse trabalho, por ter aceitado enfrentar este desafio comigo, sempre esclarecendo pacientemente minhas dúvidas e me incentivando a seguir com o trabalho.

Não posso deixar de agradecer a Universidade de Passo Fundo a qual me acolheu durante esses quatro anos e meio, aos professores e a todos que me ensinaram e aconselharam. A UPF me proporcionou o Intercâmbio Acadêmico a qual sou grata por ter ampliado meus conhecimentos acadêmicos e experiências variadas na temporada em Portugal.

Enfim, agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a consolidação de mais esta etapa.

"You say you want a revolution
Well, you know
We all want to change the world"

The Beatles

RESUMO

Este trabalho teve como objeto de estudo matérias relacionadas à banda The Beatles, que se formou no fim da década de 1950. O conjunto teve seu auge na década de 1960 e findou em 10 de abril de 1970. O objetivo deste trabalho foi identificar e analisar porque as notícias que tratam sobre o "fim da banda" retornaram à agenda dos veículos de comunicação, mesmo 40 anos depois do término do grupo. A metodologia do estudo é a análise de conteúdo e para a consolidação do diagnóstico foi estudado a teoria do agendamento e acontecimento jornalístico. A partir do conceito de acontecimento proposto por Charaudeau (2006), foram identificadas categorias de análise, as quais estão assim relacionadas: acontecimento social, nova reflexão, acrescenta valores da atualidade, valor-simbólico e sintetiza noções. Essas categorias foram procuradas em frases das matérias que formam o recorte. Foram analisadas quatro matérias em diferentes revistas e quatro em diferentes jornais, que tratam sobre o fim da banda, entre os anos de 2009 e 2010. As matérias foram definidas de acordo com a referência do veículo no mercado. O resultado obtido mostra que todas as notícias retornaram motivadas por umas das categorias e a que prevaleceu na soma de frases do recorte foi a categoria valor simbólico, pois a maioria das matérias analisadas trouxe valores que foram relembrados, como: celebrações, aniversários, homenagens.

Palavras-chave: Jornalismo. The Beatles. Acontecimento jornalístico. Teoria do Agendamento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **07**
1 O QUARTETO FABULOSO **09**
1.1 O Surgimento da Banda Britânica **09**
1.2 O Auge da *Beatlemania* **14**
1.3 O Fim do *Fab Four* **16**
2 CRITÉRIOS, FATOS E O RETORNO **20**
2.1 Teoria do Agendamento **20**
2.2 O Acontecimento Jornalístico **23**
2.3 O Retorno do Acontecimento **27**
3 ANÁLISE DE REPORTAGENS; O FIM DO QUARTETO FABULOSO 40 ANOS DEPOIS **30**
3.1 Seleção de Matérias para Análise **30**
3.2 Metodologia de Pesquisa **31**
3.3 Resultados da Análise **35**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **44**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **46**
ANEXOS **49**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo teve como objeto de estudo, matérias relacionadas à banda The Beatles. A pesquisa será desenvolvida a partir da análise de matérias publicados nos principais jornais e revistas brasileiros que referem-se ao fim da banda. A separação dos Beatles ocorreu em 10 de abril de 1970 e até hoje diversos veículos relembram esse acontecimento.

O conjunto de Liverpool foi formado em 1957, mas neste meio tempo muitos foram os músicos que passaram pelo grupo, até que no início da década de 1960 a banda definiu seus integrantes. Os Beatles foram e continuam sendo uma das bandas que mais repercutiu no mundo todo.

A escolha deste objeto se explica pela importância dos Beatles e a sua história, pois foram eles que inovaram a forma de fazer música, criaram um estilo diferenciado que serviu de inspiração para muitos conjuntos, além do legado deixado ao planeta. O quarteto criou o videoclipe, foram eles que inventaram os livretos[1] que acompanhavam os discos, dentre as inovações realizadas em suas músicas. Até hoje, os Beatles ganham destaque nos veículos de comunicação, seja em matérias profundas sobre a banda, ou pequenas notas, mas eles são lembrados, não importa o tempo que a banda terminou.

O objetivo principal deste estudo é identificar por que e por quais motivos às matérias selecionadas sobre o *the end* dos Beatles retornam aos veículos de comunicação, mesmo 40 anos depois do término do grupo. Além disso, procurou-se nas matérias, frases que representam o conceito de acontecimento proposto por Charaudeau (2006), foram identificadas categorias de análise, as quais estão assim relacionadas: acontecimento social, nova reflexão, acrescenta valores da atualidade, valor simbólico e sintetiza noções. A busca pelo recorte analisado foi feito através de uma seleção no site de buscas *Google,* com palavras chave[2]. As matérias analisadas são dos anos 2009 e 2010 em veículos de credibilidade. Foi definido quatro matérias em revistas e quatro em jornais. Os jornais são: Zero Hora, Folha de São Paulo, Correio Braziliense e O Globo e as revistas: Rolling Stones, Isto é, Época e Veja. Uma matéria em cada veículo.

---

[1] Capa de CDs ou LPs. Nos livretos havia informações de músicas e fotografias da banda.
[2] Fim dos Beatles, 10 de abril de 1970, separação dos Beatles, *the end* Beatles...

Para este fim, o trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro, “O Quarteto Fabuloso”, foi desenvolvido e dividido em três partes, o primeiro item explica o início do encontro dos integrantes, relata ainda um pouco sobre o contexto histórico daquela realidade, além dos primeiros passos da banda britânica. O segundo item revela o auge da fama e da popularidade do quarteto e o terceiro item trata sobre os últimos passos da banda, até ser divulgado oficialmente por um dos integrantes que os Beatles haviam se separado.

O segundo capítulo, “Critérios, Fatos e o Retorno”, é dividido em três itens e trabalha os conceitos pertinentes ao estudo, dos quais explica-se a teoria do agendamento, o acontecimento jornalístico e o retorno do acontecimento, onde é abordado o conceito de acontecimento de acordo com Charaudeau (2006) que embasa a análise.

A terceira e última parte consiste na análise de conteúdo, do recorte de matérias que abordam o fim dos Beatles. Neste capítulo, estão presentes à apresentação dos veículos analisados e os conceitos de análise de conteúdo por Bardim (1977) e Herscovitz (2007). Além disso, há esclarecimentos sobre as categorias de Charaudeau (2006), que nos permitirá identificar o porquê das matérias retornarem aos veículos e se as categorias estão presentes em frases das matérias e qual prevaleceu.

1 O QUARTETO FABULOSO

Este capítulo inicial tem como objetivo apresentar a história da banda britânica The Beatles. No breve resumo será relembrado o começo do conjunto, em 1957, até o seu fim em 1970. Além disso, este capítulo busca situar o contexto histórico do momento em que o grupo surgiu. No entanto, há muitas histórias, relatos e pesquisas sobre o conjunto e este estudo não tem a intenção de descrever toda a evolução da banda, o intuito é apontar alguns aspectos históricos que forneçam suporte para a realização do trabalho.

Os quatro garotos nasceram na década de 1940 e de acordo com Fabra (2005) os Beatles com seu "rock simples, sem adjetivos, como termo aglutinador de um grande todo, transformou-se no grupo germinal de toda uma geração" (p. 167).

1.1 O Surgimento da Banda Britânica

Os *fab four*[3] são descendentes de famílias de classe média e tiveram uma infância humilde, John Winston Lennon não cresceu em uma família estruturada, como referência o garoto teve apenas uma tia, Mimi, a qual viveu com ela até deixar Liverpool. James Paul McCartney perdeu a mãe muito cedo, George Harrison e Richard Starkey, mais conhecido como Ringo Starr, tiveram a oportunidade de viver em família.

Os meninos nasceram em Liverpool[4], no noroeste da Inglaterra. A II Guerra Mundial estava iniciando e foi nesse contexto que veio ao mundo os garotos que inovaram a forma de fazer música. Segundo Fabra (2005) eles são símbolo de uma revolução musical e cultural, cuja importância até hoje se faz presente.

Em março de 1957, John formou sua primeira banda com colegas da escola onde estudava, a *Quarry Bank High School*, e o nome da escola inspirou o nome da banda: *The Quarry Men*[5]. Conforme Spitz (2007) a criação de bandas aumentava a cada dia em Liverpool. "[...] Esses conjuntos ainda eram relativamente raros na *Quarry Bank*. Em fevereiro, um grupo de estudantes formara uma banda chamada *The Kingfishers*, mais notória pelo pioneirismo que pelo talento; no mais eles estavam pisando em terra virgem" (p. 47).

---

[3] Quarteto fabuloso, tradução livre.
[4] Cidade com em torno de 447.500 habitantes. Portal do Império Britânico, comércio imperial.
[5] Os Cavouqueiros, tradução livre.

A *Quarry Men* evoluiria e se tornaria The Beatles. Durante os anos anteriores, a mudança de nome, muitos foram os músicos que deixaram sua marca, até que chegou o momento de Paul, George e Ringo.

> Os *Quarry Men* partiram em busca de seus sonhos em uma época em que o mundo, especialmente a Grã-Bretanha, parecia estar no momento certo para acolhê-los. Acontecia uma mudança enorme causada pela Segunda Guerra Mundial, e ao mesmo tempo afetada de forma triste pelos seus desdobramentos chocantes. O tema recorrente da vida pós-guerra era a sensação de progresso que se desdobrava de maneira infinita. As viagens de jato pairavam no horizonte, da mesma forma que a televisão em cores e a primeira via expressa da Inglaterra. Muitas famílias operárias que moravam em terras improdutivas foram transferidas para condomínios estatais perto de subúrbios ou para cidades recém-criadas. Apesar do aumento de 47 por cento no custo de vida, os salários quase que dobraram, colocando mais dinheiro no bolso das pessoas que em qualquer época dos cinquenta anos anteriores (SPITZ, 2007, p. 68).

Em janeiro de 1957 o *The Cavern*[6] foi inaugurado em Liverpool. Com isso, Spitz (2007) declara: "Os fãs lotavam a toca subterrânea todas as noites" (p. 59).

A banda apresentou-se em um piquenique de *Woolton*, um subúrbio de Liverpool e neste dia John conheceu Paul. Juntos descobriram que possuíam afinidades e em pouco tempo trabalhando os dois compuseram mais de cinquenta canções. O autor citado acima, afirma: "[...] a música pop nunca produziu uma parceria mais perfeita ou produtiva" (p. 102 - 103).

O início dos Beatles não foi fácil, os meninos vinham de famílias humildes, e os filhos da classe operária seriam os operários de amanhã, essa era a tradição de Liverpool. Essa realidade é esclarecida por Fabra, (2005) que revela sobre Liverpool: "[...] A cidade mais operária da Inglaterra, mais dura, aberta ao mar e com o pesado lastro do seu passado, um passado endurecido pelo trabalho e pela sobrevivência" (p. 130).

A Inglaterra não percebia que uma nova geração estava surgindo com novo ideal, linguagens, vida e ideias próprias. Liverpool estava cheia de garotos com instrumentos em mãos e a paixão pelo rock os fazia lutar por uma nova realidade. A frase que exemplifica essa ideia, de acordo com Fabra, (2005) era: "Não queremos ser o que vocês querem que sejamos, mas o que nós desejamos ser" (p. 130).

Em 1958, na escola *Liverpool Institute High School*, Paul encontrou George. O menino era uma "das peças" que faltava para a banda.

---

[6] De acordo com Spitz (2007) foi neste local que os Beatles ganharam fama e popularidade em Liverpool. O bar inicialmente tocava somente jazz, mas a partir da década de 1960 aderiu ao rock.

Em janeiro de 1960, Stuart Sutcliffe entrou na banda a convite de John. Stuart não tinha talento para a música e John o ensinou a tocar baixo. Foi nesta época que o grupo trocou o nome da banda por The Beatles.

> [...] eles se auto-intitularam The Beatals, um nome aparentemente sem significação lógica, escolhido talvez pela sonoridade e depressa abandonado, ainda que a expressão *beat*[7], de batida, tenha se tornado um elemento recorrente. [...] John e Stu queimavam neurônios atrás de um nome bem bacana. De repente, surge na pauta o Buddy Holly and The Crickets[8]. Entabularam conversa sobre insetos e lembraram-se dos besouros, isto é, dos Beetles. [...] O "beatle" mistura à palavra "beetle" o termo "*beat*", além de remeter aos *beatniks*[9], alcunha dos literatos da Geração *Beat* (AURÉLIO, 2009, p. 24 - 25).

Neste estágio eles eram conhecidos em Liverpool e o rock naquela cidade e na Inglaterra estava em alta. O Reino Unido estava prestes a apresentar seus talentos[10].

Em maio de 1960 os Beatles fizeram sua primeira turnê na Escócia. Uma melhor oportunidade ainda estava para chegar, pois Allan Williams, agente da banda, marcou apresentações do grupo em Hamburgo[11]. Os garotos permaneceram um tempo na Alemanha e perceberam como ela era diferente da Inglaterra, o público que frequentava os bares era diversificado e as bandas deveriam tocar a noite toda.

Conforme Spitz, (2007) os Beatles tocavam poucas músicas, em casas cheias de adolescentes e ignoravam o que o público mais exigente demandava. "[...] Não tinham nenhuma fala preparada, não sabiam quase nada de domínio de palco e não cativavam o público tanto assim como músicos" (p. 207).

Em Hamburgo, Stuart deixou a banda e seguiu a sua verdadeira vocação, a arte. Nesta época Stuart iniciou envolvimento com Astrid Kirchherr[12]. A fotógrafa Astrid, deixou sua marca nos Beatles, foi ela a autora das primeiras fotografias da banda. Como descreve o autor os retratos feitos por ela mostram o rosto do novo rock'n'roll. "Astrid capturou a coragem, a atitude, a energia e a confiança óbvia que distinguiam os Beatles de seus competidores. Eles projetavam uma identidade moderna, tinham atitude, e, no processo, estabeleceram uma iconografia clássica, válida para as bandas de rock pelos quarenta anos seguintes" (p. 222).

---

[7] Conforme Sant'ana (2012) foi um movimento literário originado em meados dos anos 1950, por um grupo de jovens intelectuais que estava cansado do modelo conservador estabelecido nos EUA após a Segunda Guerra Mundial.

[8] Buddy Holly e os grilos, tradução livre.

[9] Sant'ana (2012) afirma que é um termo criado pela mídia para designar jovens que copiavam o estilo *beat*.

[10] Na década de 1960, a Inglaterra apresentou ao mundo diversas bandas de rock, como: The Animals, Rolling Stones, The Who, The Kinks... Esse movimento ficou conhecido como Invasão Britânica.

[11] Cidade localizada no norte da Alemanha, com cerca de 1. 734. 830 habitantes.

[12] Segundo Aurélio (2009), a fotógrafa é natural de Hamburgo e foi a primeira a fazer fotos dos Beatles.

Após a temporada em Hamburgo, os Beatles regressaram a sua cidade natal e voltaram à ativa no *The Casbah*[13]. O autor Spitz (2007), assegura que o *Casbah* era exatamente aquilo que os Beatles precisavam. "[...] Um lugar conhecido, intimista, amistoso, um bom trampolim para lançá-los de volta a Liverpool" (p. 233).

Conforme Spitz (2007), em pouco tempo toda a Liverpool ouviu falar nos shows dos Beatles. "Surgia esse grupo de criaturas vestidas de couro preto, que 'tinha a coragem de tocar rock'n'roll pesado' e estourava!" (p. 233).

De acordo com Turner (2005), os Beatles se apresentaram cerca de 300 vezes no *Cavern* (p. 360). Spitz (2007) também explica sobre as apresentações do quarteto na casa.

> [...] Nos meses e anos seguintes o conjunto tocou lá com tanta frequência, que pequenos detalhes ficaram confusos conforme a história foi sendo recontada. Porém, basta dizer que sua performance causou tanto impacto nos frequentadores do *Cavern* que o repertório do grupo cresceu rapidamente. Nenhum outro conjunto tocava com mais sutileza e estilo ou tinha um jeito de tocar mais vibrante. Eles tinham presença de palco, uma personalidade que transmitia intimidade verdadeira com o público. As garotas do local se tornaram fãs ardorosas do grupo rapidamente, e os rapazes logo seguiram o exemplo delas (SPITZ, 2007, p. 238).

Neste estágio, o rock fazia parte da história de Liverpool. Segundo Spitz (2007), o rock, "tinha se tornado parte da dieta cotidiana essencial, com shows ao meio-dia e à noite, um gênero de primeira necessidade na vida diária" (p. 252).

Em novembro Brian Epstein passou a empresariar os Beatles. Enquanto o contrato com alguma gravadora não se tornava realidade, os Beatles continuavam com seus concertos em Liverpool.

Em meio aos diversos testes na busca por um contrato, o baterista Pete Best não agradou as gravadoras e deixou o grupo, a vaga foi preenchida por Ringo Starr. A gravadora pertencia a George Martin nos estúdios da *EMI*, na *Abbey Roud*[14]. De acordo com Spitz (2007), o conjunto incorporou o brilho que faltava. "[...] A energia, a versatilidade, a atitude certa - a mágica -, tudo isso voltou como uma brisa para o som da banda" (p. 344).

Em outubro de 1962 o compacto com a música "*Love me do*[15]" foi lançado no mercado. Logo após a realização do trabalho, as gravações de "*Please, Please Me*[16]", estavam

[13] De acordo com Spitz (2007), o *The Casbah* era um bar jovial que se apresentava somente rock.
[14] É o nome de uma rua de Londres, onde se situa o estúdio de gravação do grupo. *Abbey Roud* também se chama o 12° álbum lançado pela banda em 1969.
[15] Me ame, tradução livre.
[16] Por favor, me agrade, tradução livre.

em andamento. Spitz, (2007) declara: "[...] Os críticos tendem a considerar '*I Saw Her Standing There*[17]' e '*All My Loving*[18]' como catalisadores da beatlemania, mas '*Please Please Me*' foi a fagulha que acendeu a chama" (p. 357).

Com o disco "*Please Please Me*" os Beatles encontraram a fama e o LP[19] logo alcançou o primeiro lugar no Reino Unido. O sucesso não era só em Liverpool, agora era em todo país e estava pronto para alcançar outras esferas. Spitz (2007) observa: "[...] ninguém causou tanto impacto quanto The Beatles: nenhum deles era tão atraente ou magnético para a imprensa; nenhum deles era tão inocente ao ponto de cada empreitada, cada disco, parecer verdadeiramente inovador e imaculado do comercialismo nascente" (p. 365).

A *beatlemania* iniciou a partir de 1963 para descrever o fascínio dos fãs pelos Beatles. O movimento foi caracterizado por níveis intensos de histeria, tanto em concertos e viagens da banda. Em 1964 o conjunto esteve na América e o pesquisador Anjos (2007) explica mais sobre este fato e o termo *beatlemania*.

> A América parou para vê-los. Multidões se aglomeravam à porta dos hotéis, nas ruas, nos locais de espetáculos. Durante a sua apresentação na TV, até os criminosos assistiram, fato constatado pelo baixo índice de crimes registrados – em alguns lugares não ocorreu nenhum crime durante aquela apresentação. A América estava conquistada e a volta ao Reino Unido foi coroada com uma comoção popular no aeroporto de Londres. Essa febre denominada *beatlemania* estava consolidada por volta de 1965. Desde o lançamento do primeiro álbum, estiveram no topo. Suas músicas eram adoradas por aqueles que conheciam que eles possuíam um talento diferenciado (ANJOS, 2007, p. 38).

Em 1964 os Beatles conquistaram a América e os rapazes já haviam feito mais do que o esperado. Como descreve Aurélio (2009) o ritmo de trabalho do quarteto era desvairado. "[...] Agenda doida. Os Beatles trabalhavam interruptamente" (p. 52).

Nesta época, o movimento da indústria cultural[20] se aproveitou da fama e popularidade dos Beatles com mais intensidade. A venda de discos e produtos inspirados no conjunto e com a marca Beatles foram difundidos no mundo todo. Apresentações em programas televisivos,

---

[17] Eu a vi ali, tradução livre.
[18] Todo meu amor, tradução livre.
[19] Disco conhecido como vinil, ou ainda Long Play (LP). É uma mídia desenvolvida no final da década de 1940 para a reprodução musical, que usa um material plástico chamado *vinil.*
[20] O termo Indústria Cultural foi empregado primeiramente por Theodor Adorno e Max Horkheimer, filósofos e sociólogos no livro Dialética do Esclarecimento, em 1947. De acordo com o pesquisador Coelho, a indústria cultural é fruto da sociedade industrializada, de tipo capitalista liberal. "[...] Mais especificamente, porém, a Indústria Cultural concretiza-se apenas em uma fase dessa sociedade, a que pode ser descrita como, a do capitalismo de organização, (monopolista) ou, ainda, como sendo a sociedade dita de consumo" (COELHO, 1980, p. 29).

radiofônicos e matérias em revistas e jornais eram constantes. De acordo com Fagundes (2012), "o rock em geral, apesar do aspecto subversivo, foi cooptado pela indústria cultural, que fatura em cima do seu sucesso comercial" (FAGUNDES, 2012).

1.2 O Auge da *Beatlemania*

O ano era 1963 e a Inglaterra estava passando por uma fase de mudanças, a liberdade e a intensidade estavam cada vez mais visíveis. E nos próximos anos, Londres ficaria conhecida como "*the swinging London*" [21]. "O período de 'austeridade do pós-guerra' dera lugar a mudanças radicais na sociedade. Havia uma geração esperando para romper as amarras – e para experimentar coisas novas. A ação estava em Londres, e era liderada por jovens que pretendiam remover o engomado da bandeira britânica" (SPITZ, 2007, p. 431).

Os Beatles, conforme Spitz (2007), "[...] pareciam ser a trilha sonora destes tempos em ebulição" (p. 514). Além deles outros grupos estavam surgindo, como Rolling Stones, The Kinks, The Animals, eram alguns exemplos dos talentos que a Inglaterra estava apresentando ao mundo. Neste período o número alto de grupos foi identificado como Invasão Britânica[22].

Os anos sessenta ficaram marcados pela mudança no comportamento e pela chegada do rock'n'roll. O ideal de uma nova sociedade estava no mundo todo, como conta Garcia (2012): "[...] era a vez dos jovens, que influenciados pelas ideias de liberdade da chamada geração *beat*, começavam a se opor à sociedade de consumo vigente. O movimento, que nos anos 1950 vivia recluso em bares nos EUA, passou a caminhar pelas ruas nos anos 1960 e influenciaria novas mudanças de comportamento jovem, como a *contracultura*[23] e o pacifismo[24] do final da década" (GARCIA, 2012).

Neste período o capitalismo ganhou força, a produção de mercadorias passou a ser em grandes e diversificadas quantidades e o custo baixou. Garcia (2012) descreve ainda que a década de 1950 chegou ao fim com uma geração de jovens, filhos do chamado "*baby boom*[25]", que vivia no auge da prosperidade financeira. "[...] Em um clima de euforia

[21] A Londres vibrante, tradução livre.
[22] Ocorreu em 1964 a 1966, o termo se aplica para descrever o fluxo de artistas pop, rock, *beat* no Reino Unido. Os Beatles foram os pioneiros a conquistar outras paragens e facilitou a caminhada de outros grupos.
[23] De acordo com Rebouças (2008) o movimento surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos, a contracultura é uma forma de contestar o caráter social e cultural da sociedade. Os *beatniks* são considerados os precursores deste movimento do início da década de 1960 que influenciaram o movimento *hippie*.
[24] É uma filosofia de oposição à guerra.
[25] Deursen (2006) explica o fato como uma explosão demográfica no fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Explosão de bebês, tradução livre.

consumista gerada nos anos do pós-guerra nos EUA, a nova década que começava já prometia grandes mudanças no comportamento, iniciada com o sucesso do rock'n'roll" (GARCIA, 2012).

A *beatlemania* havia chegado e estava em ritmo acelerado, e o quarteto estava pronto para chegar ainda mais longe. De acordo com Spitz (2007), nenhum astro consumado provocava as demonstrações doentias e a paixão violenta que cercava os Beatles. "Aquilo era algo maior, difícil de explicar. Era uma histeria primitiva e claramente sexual" (p. 414). Conforme Spitz (2007), John Lennon declarou que a *beatlemania* era uma panela de pressão. "[...] Era como estar no olho do furacão" (p. 502).

A partir de 1964, os Beatles ganharam uma grande popularidade em pouco espaço de tempo. Os garotos fizeram filme, gravaram novos *singles* e LPs. A agenda estava lotada e onde quer que eles fossem os fãs os acompanhavam. Segundo Spitz (2007), os Beatles não tinham mais paz. "[...] Aonde quer que eles fossem, os fãs esperavam, exigiam algum tipo de resposta pessoal: assine isto, acene, diga alô, toque-me, cure-me, beije-me. E nada os detinha: invadiam as suítes dos Beatles, atiravam-se à frente de seus carros, pulavam de sacadas" (p. 503).

A fama dos meninos de Liverpool foi muito além do que eles esperavam. Diversas turnês foram marcadas e eles estavam presentes em programas de rádio, televisão, estampados em jornais e revistas. A imprensa de acordo com Spitz (2007) batizou o fenômeno como *beatlemania*. "[...] Nem um dia se passava sem que fossem publicadas amplas matérias sobre suas façanhas, mesmo que fossem apenas vagas especulações. Jornais relatavam onde eles haviam sido vistos pela última vez e com quem, como estavam vestidos, o que comeram no jantar, como foram para casa (e com quem)" (p. 495).

Os Beatles possuíam a agenda de trabalho lotada, mas o que eles mais faziam era gravar[26]. Conforme o autor as vendagens de discos eram astronômicas (p. 491). O autor afirma ainda que os Beatles reinventaram o panorama *beat.* "[...] Suas roupas dominavam a moda jovem, com as características jaquetas de golas arredondadas e botas de salto alto. Além disso, pareciam ousados e anárquicos, graças aos cabelos compridos" (p. 539).

A *beatlemania* teve seu auge entre 1963 e 1966 e causou um arrebatamento em massa. "[...] Garotas de todas as classes sociais se viam envolvidas nas gritarias, nas declarações de amor, no choro, no arrancar de cabelos e nos desmaios que acompanhavam os espetáculos"

[26] Discografia completa dos Beatles: murodoclassicrock4.blogspot.com.br/2010/11/beatles-discografia.html

(SPITZ, 2007, p. 426). Conforme Sala (2012), em 1964 a banda iniciou suas primeiras aparições fora da Europa e da América do Norte, viajando para a Austrália, Escandinávia e Holanda.

Além de toda influência que os Beatles causaram no mundo, de acordo com Aurélio (2009), os quatro garotos de Liverpool causaram uma verdadeira idolatria. "A *beatlemania*, uma febre, um fenômeno comportamental de adoração às suas músicas e ao estilo que tomou conta de milhares de adolescentes por quase todo o mundo. Seu figurino e seus cabelos eram copiados, seus discos tinham vendagens enormes, seus filmes faziam estrondoso sucesso" (p. 130).

1.3 O Fim do *Fab Four*

Os anos de 1960 ficaram conhecidos como a década que mudou o mundo. Foi no final desta década que ocorreu o maior festival idealizado no movimento *hippie*[27], em busca da *peace and love*[28], o *Woodstock*[29]. Bezerra (2012) descreve: "[...] a era *hippie* é como um marco da *contracultura* e da história da música popular. Depois do *Woodstock* a juventude nunca mais foi a mesma" (BEZERRA, 2012).

Quando a década de 1960 estava findando, os Beatles gravaram o seu último disco, *Abbey Road*[30]. Por este estágio, os integrantes não se entendiam mais e pouco se viam nos encontros para finalizar o disco. Ainda em 1966 eles haviam decidido cancelar as turnês e não se apresentar mais em público. Eles estavam fatigados com a *beatlemania*. De acordo com Spitz (2007), foi no contexto de paz e amor do *Woodstock* que o fim dos Beatles estava se aproximando. "[...] Os Beatles sentiam a tensão provocada pelo desgaste de uma maratona que já ia durando dez anos" (p. 660).

---

[27] De acordo com Sousa (2012), na década de 1960, o movimento *hippie* apareceu disposto a oferecer uma visão de mundo inovadora e distante dos vigentes ditames da sociedade capitalista. "[...] Em sua maioria jovens, os *hippies* abandonavam suas famílias e o conforto de seu lar para se entregarem a uma vida regada por sons, drogas alucinógenas e a busca por outros padrões de comportamento. Ao longo do tempo, ficariam conhecidos como a geração da paz e amor" (SOUSA, 2012).

[28] Paz e amor, tradução livre.

[29] Mano (2007) relata que foi o festival mais importante da música pop até hoje. "[...] Realizado em uma fazenda em Bethel, Nova Iorque, reuniu num final de semana mais de 400 mil pessoas. Foi o marco do movimento da contracultura, promoveu grande polêmica, pelos propósitos levantados: os ideais paz e amor, defendendo o sexo livre e condenando a Guerra do Vietnã. Um protesto contra uma sociedade americana infestada pelo desejo de controle" (MANO, 2012).

[30] Foi o 12° álbum lançado pelos The Beatles.

Em agosto de 1967, Brian Epstein morreu por ingestão exagerada de medicamentos. Com isso os desentendimentos entre os rapazes que já havia iniciado tomaram forma e aumentaram. A partir disso, eles tiveram que tomar conta de todo império que haviam construído. Spitz (2007) afirma: "[...] Brian tinha revitalizado a cena da música pop britânica de maneira significativa, dando ao rock'n'roll sua sonoridade mais característica desde que Elvis Presley[31] fora ouvido pela primeira vez nas vitrolas" (p. 713).

Quando o fim da banda se aproximava John separou-se de sua esposa Cynthia Lennon e iniciou envolvimento com Yoko Ono. A nova companheira comparecia em todos os encontros do conjunto e isso acarretou mais desentendimentos entre os integrantes. O pesquisador Aurélio (2009) relata: "[...] Picuinhas, interferências, cansaço e desejos por guinadas pessoais e coletivas. E na ausência das rédeas do falecido 'administrador de conflitos' Brian Epstein... O caldo entornou" (p. 69).

Spitz (2007) revela que havia estímulos exteriores atrapalhando o trabalho do quarteto. "[...] Em primeiro lugar havia a presença não-grata de Yoko, complicada pelas atenções de zumbi que John lhe tributava. Não importa o que tenham dito ao longo dos anos para mostrar que eram unidos e calar sentimentos maltratados, Paul, George e Ringo detestavam cordialmente a intrusão de Yoko" (p. 776).

Em 10 de abril de 1970, Paul anunciou à imprensa o fim dos Beatles, no entanto, o quarteto já sabia do fim há alguns meses, quando John, declarou para os outros três Beatles após uma tentativa de Paul salvar a banda: "Acho que vocês estão loucos. Eu não ia falar nada, mas estou acabando com o grupo. Penso que é bom assim, como um divórcio" (SPITZ, 2007, p. 797). Spitz (2007) afirma ainda, a novidade atingiu os outros "com a força de um megaton[32]" (p. 797).

Mas somente em 1970 que o mundo soube e lamentou a separação dos garotos de Liverpool. "[...] Mesmo em pleno processo criativo, a estrutura de apoio outrora sólida dos Beatles começava a desmoronar" (SPITZ, 2007, p. 779).

Os garotos britânicos inovaram a forma de fazer música e um legado imenso foi deixado. Spitz (2007) esclarece: "[...] os Beatles tinham estabelecido 'novos padrões de qualidade', a ponto de levarem os músicos a reconsiderar a maneira de compor e gravar canções" (p. 587).

---

[31] É conhecido como rei do rock. Elvis foi um dos criadores do *rockabilly*, uma fusão de música country e rock'n'roll.

[32] Equivalente a força explosiva, como armas nucleares.

A partir do término do grupo cada beatle seguiu sua vida fazendo o que sabia. Todos ao longo do tempo e dos anos formaram outros grupos ou fizeram carreira solo. Em 1980, John Lennon foi assassinado em frente a sua casa no *Dakota*[33]. George Harrison morreu em 2001, em decorrência de um câncer no pulmão. Quanto a Paul e Ringo, eles continuam a realizar concertos.

Mesmo com o fim do grupo, os discos não deixaram de ser procurados e até hoje os Beatles são ouvidos em algum lugar do planeta. De acordo com dados de vendas de Aurélio (2009) "[...] os Beatles venderam cerca de dois milhões de cópias de LP's, EP's, K-7, *singles*, CDs, e DVDs" (p. 85). Segundo ele, esses dados excluem downloads não autorizados pela internet e outras formas de aquisição que não passam pelas planilhas da *EMI*.

Em 2012, o quarteto completou 42 anos de história, e ainda assim os Beatles continuam em destaque, suas músicas ainda tocam nas rádios de todo mundo. Diversos sites relembram a história do quarteto de Liverpool. Sua discografia completa está acessível em páginas da web que disponibilizam o acesso à internautas. Amplas matérias nos veículos de comunicação são divulgadas. Conforme Raonie (2011), o destaque que os Beatles tiveram na mídia, faz do grupo a maior banda de rock que já existiu. "[...] Pessoas gostando ou não, melhores ou não, eles foram a maior banda, a mais influenciadora e a mais tocada de toda a história do rock" (RAONIE, 2011).

De acordo com matéria do site Globo.com, os Beatles dominam a venda de singles[34] nos últimos 60 anos no Reino Unido. Ainda, o portal de notícias *The Music Journal Brazil*, revela que as vendas de músicas digitais dos Beatles superam a marca de dois milhões de músicas no *iTunes*[35].

Os Beatles marcaram o mundo de uma forma que nenhum conjunto conseguiu. Spitz (2007) salienta que nem tudo seria cinzento. "[...] Viriam os filhos dos Beatles, os bebês dos fãs dos Beatles, milhões de pessoas que iriam passar a vida acompanhados pela trilha sonora criada por quatro garotos de Liverpool" (p. 847).

O autor citado anteriormente assegura: "[...] The Beatles. Uma imensidão de talento, charme e genialidade incompreensível, um oceano como o que os quatro garotos viam quando olhavam para o horizonte, das colinas de Liverpool" (p. 848).

A partir do que foi exposto neste capítulo, entende-se que os Beatles marcaram o mundo de uma forma que nenhuma outra banda conseguiu, além de causar nas pessoas um

[33] Edifício onde ocorreu o assassinato de John Lennon, em Nova York.
[34] É uma canção considerada viável comercialmente o suficiente pelo artista e pela companhia para ser lançada individualmente, mas é comum que também apareça num álbum. Único, tradução livre.
[35] É um reprodutor de áudio desenvolvido pela *Apple*, para reproduzir e organizar música digital.

fascínio até hoje desconhecido. Eles foram exemplos a ser seguidos por outros grupos. Nos veículos de comunicação eles estiveram presentes e até hoje eles são lembrados e matérias sobre eles são construídas. Na próxima etapa serão apresentadas as teorias que embasam essa pesquisa e com elas será possível descobrir por que os Beatles não são esquecidos.

2 CRITÉRIOS, FATOS E O RETORNO

Esta segunda etapa inicia com a apresentação do conceito e explicações de autores sobre a teoria do agendamento.. A teoria do agendamento pode ser entendida pelo fato dos veículos agendarem, escolherem os assuntos que serão divulgados. O que as pessoas conversam no dia a dia, muitas vezes é assunto que adentrou na agenda da mídia. O veículo de comunicação seleciona o que vai ser transformado em notícia.

O segundo e terceiro item tratam sobre o acontecimento jornalístico e o retorno do acontecimento. No primeiro item o conceito da teoria do acontecimento será explicado e opiniões de diversos autores foram selecionadas. O item três será preenchido sobre a volta do acontecimento que retorna a mídia por diferentes causas, pois ele pode trazer um elemento novo, inesperado e possibilitar ao leitor uma nova reflexão. Os acontecimentos pertencentes ao passado voltam para serem revividos e muitas vezes trazem consigo uma nova informação. O estudo destas teorias jornalísticas é fundamental para a análise das matérias elencadas sobre o fim do Beatles, realizada no capítulo três.

2.1 Teoria do Agendamento

Todos os dias, nos meios impressos, radiofônicos ou televisivos são selecionados materiais que serão divulgados. A mídia escolhe o que vai ser notícia e o que não vai ser permanece no escuro. Entre a grande quantidade de fatos que ocorrem é preciso escolher o que vai ser disseminado. O responsável por essa escolha é o veículo de comunicação e os critérios de noticiabilidade que cada um possui.

> Podemos definir o conceito de noticiabilidade como conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor notícia[36]. Assim os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, deve ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo "valor notícia" (TRAQUINA apud SILVA, 2011, p. 13).

[36] Os valores-notícia são ferramentas de auxílio para a escolha do que vai ser publicado. "[...] São os valores-notícia que determinam a capa do jornal e da revista, a Escalada (chamadas dos blocos noticiosos na TV), a *Home na Internet*. E as notícias que concentram maior potencial informativo e atrativo são as que conjugam maior número de valores-notícia" (JORGE *apud* PIRES, 2012, p. 5).

Lage (2001) define as categorias de noticiabilidade, que segundo ele são divididas em seis efeitos, a proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana (LAGE apud LINO, 2010, p. 4).

De acordo com Lino (2010) os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais e por vezes são contraditórios e mudam ao longo do tempo, alterando também consoante o contexto onde estão inseridos e a sua abrangência, público (LINO, 2010, p. 3).

A teoria do agendamento pode ser definida por matérias que são selecionadas, em grau de importância por determinado veículo de comunicação. As matérias que são disseminadas entram para a agenda de discussão do público em geral. Rebouças (2009) explica o agendamento. "A mídia ao selecionar determinados temas a serem veiculados, por outro lado apaga os demais temas que não entraram na pauta de informação daquele dia. Um assunto que é noticiado com determinada força no ambiente macro-social acaba colocando no esquecimento outros assuntos não veiculados, mesmo sendo de grande importância para a sociedade".

De acordo com Vizeu (2007), o jornalismo não só transmite, mas prepara e apresenta uma realidade dentro das normas e das regras do campo jornalístico.

> No processo de produção da notícia, ao selecionarem determinados fatos excluindo outros, os informativos televisivos organizam, sistematizam, classificam e hierarquizam a realidade, emoldurando os acontecimentos, o cotidiano. O mundo a que assistimos diariamente nos telejornais é produzido dentro das normas e regras do campo jornalístico que, ao dar visibilidade aos demais campos do conhecimento, os submete a seus processos e estratégias (VIZEU, 2007)

Traquina (2001) também explica a teoria do agendamento. Ele garante que a agenda é realmente a agenda dos mídias noticiosos, do campo jornalístico.

> Quase todos os estudos do agendamento operacionalizam o conceito de agenda midiática com a utilização de dados baseados em análises dos conteúdos da produção do campo jornalístico, as notícias dos jornais e dos noticiários televisivos, ou seja, a produção jornalística, e não no conteúdo de toda a programação midiática. Assim, a agenda midiática dos estudos do agendamento é, de facto, a agenda dos mídias noticiosos, ou seja, a agenda do campo jornalístico, concebido o termo campo jornalístico como o conjunto de relações entre agentes especializados na elaboração de um produto específico conhecido como a informação (TRAQUINA, 2001, p. 21).

No ponto de vista de Traquina (2001), a imprensa funciona como agente modeladora do conhecimento, usando os estereótipos como forma simplificada e distorcida de entender a

realidade. Lippmann afirma ainda que "os *mass mídia* são a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens desses acontecimentos em nossa mente" (LIPPMANN apud TRAQUINA, 2001, p. 18).

Há acontecimentos, que por fazerem parte da história da humanidade ou por serem de grande importância não podem deixar de ser mencionado pela grande imprensa, e adentram na agenda dos meios por estes motivos. "Ao selecionar alguns temas que comporão o produto informativo, os meios de comunicação determinam o que aconteceu, dão a alguns fatos existência social, mas condenam às trevas, ao desconhecimento social, um número infinitamente maior de temas também mediatizáveis" (BARROS, 1996, p. 27-28).

Os veículos de comunicação organizam e selecionam o que será inserido e que chegará ao conhecimento público. Alguns fatos não são escolhidos e outros são noticiados. Traquina (2005) afirma que o jornalismo detém um poder grandioso. De acordo com o autor, o jornalismo e os jornalistas têm poder, consoante a sua posição na hierarquia profissional. "Quer seja, quer não, o jornalismo é um 'quarto poder' que, sobretudo devido ao acesso habitual às fontes oficiais, sustenta o poder instituído e do '*status quo*[37]'" (p. 206).

Os veículos seja televisão, rádio, jornal ou meios digitais selecionam os assuntos de maior importância e de maior impacto público para ser instalado em locais que chamem mais atenção. Segundo Lage (2011) as diferentes mídias escolhem certas informações para atrair o leitor. "[...] Como o dizem, significativamente, certos jornalistas, a primeira página de um jornal é sua "vitrine"; é lá que colocamos aquilo que temos de melhor para se vender" (CHAMPAGNE apud LAGE, 2011, p. 3).

A ação da mídia no conjunto de conhecimentos sobre a realidade social forma a cultura e age sobre ela, conclui Pena (2005). Esta ação tem três características básicas, segundo Noelle Neumann:

> Acumulação: é a capacidade da mídia para criar e manter a relevância de um tema.
> Consonância: as semelhanças nos processos produtivos de informação tendem a ser mais significativas do que as diferenças.
> Onipresença: o fato de a mídia estar em todos os lugares com o consentimento do público, que conhece sua influência (NEUMANN apud PENA, 2005, p. 145).

O ritmo nos bastidores das redações é acelerado e o número de notícias divulgadas durante um dia é alto. Este fato é constatado principalmente em veículos de comunicação de

[37] Estado de coisas ou situações, tradução livre.

grande porte. O ritmo intenso de matérias que chegam ao conhecimento do público acarreta no efeito de agendamento e desagendamento. Barros (1996) explica sobre as notícias que deixam de ser destaque pelo fato de surgir outras com mais capacidade de impactar o público e serem veiculadas. Essas "novas" matérias também adentram nas rodas de conversa das pessoas. "A velocidade de agendamento e desagendamento temático assume um ritmo tão alucinante quanto o número crescente de notícias veiculadas. Neste sentido, é conhecido o comentário de que há mais informações num só número do New York Times do que poderia receber um cidadão inglês durante toda sua vida no século XX" (p. 32).

Os meios de comunicação possuem credibilidade na concepção do público e se um fato não é noticiado corre o risco de não existir. Alsina (2009) afirma que se um fato "[...] não aparece nos meios de comunicação isso quer dizer que não aconteceu" (p. 123).

A partir do exposto compreendemos que a mídia é responsável ao selecionar o que será divulgado. Os veículos de comunicação são responsáveis por agendar um assunto e dar-lhe existência social, ou seja, inserir um acontecimento e atribuir-lhe uma importância de acontecimento social. Eles ainda podem fazer que um acontecimento do passado seja novamente agendado para ser mais uma vez debatido pelo público, sob novas perspectivas e mesmo com informações inéditas. Serão esses os tópicos abordados no próximo item.

2.2 O Acontecimento Jornalístico

O desafio quotidiano do profissional jornalista é desenvolver um produto final, como, programa de rádio, televisão ou jornal impresso. Durante todos os dias e todas as semanas não é possível o jornalista pensar que hoje não sairá programa, ou hoje, não tem notícias suficientes para concluir o jornal. A tarefa do jornalista é buscar acontecimentos bons, impactantes, para se transformar em notícias. Matérias que chamem a atenção do leitor e que transmitam conhecimentos. Os acontecimentos, de acordo com Rodrigues (1993), são tudo "[...] aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatórias de factos virtuais" (p. 27). O autor acrescenta que quanto menos previsível for o acontecimento mais chances terá de virar notícia. Lage (2011) explica mais sobre o acontecimento jornalístico.

> Os acontecimentos sociais não são objetos que se encontram já feitos em alguma parte da realidade e cujas propriedades e transformações nos são dados a conhecer de imediato pelos medios com maior ou menor fidelidade. Só existem na medida em que esses medios o elaboram. (...) Os medios informativos são o lugar donde as sociedades industriais produzem nossa realidade (VERÓN apud LAGE, 2011, p. 3).

Uma notícia antes de se tornar notícia é um fato, um acontecimento que ocorreu em um determinado local. Alsina (2009) afirma que "[...] a construção da notícia é um processo complexo que se inicia com um acontecimento" (p. 113). O autor complementa que o acontecimento é um fenômeno social. Podemos entender assim que a mídia é que constrói os acontecimentos, através das notícias que são publicadas. Ele afirma ainda que um dos elementos necessários para a construção da notícia é sua publicação. "[...] Se o público não receber qualquer notícia sobre um fato, esse fato não poderá ser considerado como um acontecimento com transcendência social" (p. 116).

Transcendência social, no ponto de vista de Alsina (2009), é cada formação política e social, cada sociedade histórica possui seus próprios parâmetros para determinar o grau de transcendência dos acontecimentos. "[...] Por exemplo, o que na cultura ocidental é considerado um acontecimento com transcendência social, não o será nas outras culturas" (p. 116).

De acordo com Rodrigues (1993) o acontecimento é algo que proporciona sentido ao fato e que através deste acontecimento é possível construir notícias. Quanto mais imprevisível for o acontecimento, mais probabilidades terá de ser divulgado pelos veículos.

> Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. É por isso em função da maior ou menor previsibilidade que um facto adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar o discurso jornalístico. É por isso que se diz, gracejando, que um cão que morde um homem não é facto jornalístico, mas se um homem morder um cão então estamos perante um facto suscetível de se tornar notícia (RODRIGUES, 1993, p. 27).

Segundo Mouillaud (1997) os acontecimentos explodem na superfície da mídia sobre a qual se inscrevem como sobre uma membrana sensível. "O acontecimento está em todos os lugares... um tipo de delírio porque, então, tudo se pode tornar acontecimento (...) o acontecimento está onipresente, difuso, sem limites (...), sucedem-se com uma rapidez que apenas permite retomar o fôlego" (LABROSSE apud MOUILLAUD, 1997, p. 50).

O acontecimento jornalístico é de natureza especial conforme Rodrigues (1993), pois possui uma característica diferenciada e incomum.“[...] Factos regidos por causalidades facilmente determináveis ficam fora do seu alcance, ao passo que o acontecimento jornalístico irrompe sem nexo aparente nem causa conhecida e é, por isso, notável, digno de ser registrado na memória” (p. 27-28).

De acordo com Alsina (2009) o acontecimento, seja político, social, literário ou científico será escolhido pelos meios através de sua importância, da mensagem que traz e do seu impacto. Os acontecimentos que não ganham espaço nos meios não existem. Alsina (2009) afirma que as mídias tornam visíveis os fatos.

> 1) Os acontecimentos são gerados através de fenômenos que são externos para o sujeito. 2) Mas os acontecimentos não fazem sentido longe dos sujeitos, pois são eles os que lhe conferem sentido. 3) Os fenômenos externos que o sujeito percebe tornam-se acontecimento por causa da ação destes sobre aqueles. Os acontecimentos se compõem das características dos elementos externos nos quais o sujeito aplica seu conhecimento (ALSINA, 2009, p. 114).

Sodré (2004) aponta que nas definições tradicionais do jornalismo, o acontecimento aparece referido às formas de classificação da notícia quanto ao tempo e modo de ocorrência, ou seja, há acontecimentos inesperados, outros previsíveis e ainda outros unindo essas duas características. “(a) Previstas — aquelas que nos permitem um conhecimento antecipado, anunciado com antecedência; (b) Imprevistas — as de caráter inesperado, como crimes, incidentes, incêndios, etc; (c) Mistas — as que reúnem, numa só informação, o previsto e o imprevisto” (SODRÉ apud ANTUNES, 2007).

Compreende-se, dessa forma, que os acontecimentos jornalísticos nem sempre serão imprevisíveis e extraordinários. “No que diz respeito ao acontecimento jornalístico, precisamos dizer que a característica de imprevisibilidade não é imprescindível. Por exemplo, existem acontecimentos absolutamente previsíveis: a visita de uma autoridade, a entrega de um prêmio, os casamentos das personalidades, etc” (ALSINA, 2009, p. 139).

Quanto mais pessoas se sentirem envolvidas em um acontecimento, maior será o seu alcance e a sua importância. De acordo com Alsina (2009), “a mídia lança mão de acontecimentos sociais como a matéria-prima, e, ao mesmo tempo, constrói e transmite um produto que pode chegar a se tornar um acontecimento social” (p. 134).

Alcina (2009) explica a noção de acontecimento dividido em duas características: a) “é tudo que acontece no tempo; b) é tudo o que é improvável, singular, acidental. O autor lembra

ainda que o acontecimento jornalístico adquire sentido com relação ao ecossistema, que afeta" (MORIN apud ALSINA, 2009, p. 139). Alsina (2009) exemplifica: "Entre um grupo étnico da selva amazônica, o aparecimento de um avião pode ser um acontecimento importante. Em um aeroporto, o aparecimento de um avião é a norma, não constitui um acontecimento" (p. 140).

Charaudeau (2006) também conceitua o acontecimento na sua concepção.

> "O acontecimento surge em sua factualidade, com um caráter inesperado"; "o acontecimento é programado" a partir de um sistema de expectativas que organiza o desenvolvimento da vida social; e "o acontecimento é suscitado, provocado por campo social diferente do domínio das mídias" (CHARAUDEAU apud ANTUNES, 2007).

O acontecimento jornalístico possui prazo de validade na mídia, conforme Alsina (2009). "Um acontecimento é algo extraordinário, ou seja, é um fato que vai além do ordinário, do que é normal". (p. 141).

Antunes (2007) também explica sobre a temporalidade no acontecimento jornalístico.

> Isto equivale a dizer que o fato não é necessariamente "pontual" em si mesmo, já que pode ser maior (ou menor) do que o acontecimento, tanto de modo a permitir o desdobramento temporal da notícia (a suíte ou seqüência de notícias), quanto para instalar a possibilidade da demonstração das causas e efeitos da ocorrência [...] Todo e qualquer fato tornado acontecimento pelo jornalismo implica uma pontuação rítmica, pouco importando se o acontecimento se deu no passado ou no presente contínuo (SODRÉ apud ANTUNES, 2007).

Para confirmar, a mídia torna o acontecimento jornalístico visível, o faz circular, coloca-o em movimento e o torna um acontecimento social. De acordo com Mouillaud (1997), "o acontecimento sempre possui a forma da informação" (p. 57).

A seguir será abordado o retorno do acontecimento jornalístico, quando um acontecimento circula e volta a ser publicado nos meios de comunicação por algum motivo. O retorno do acontecimento e as motivações que o fazem voltar serão explicadas no item a seguir, pois é através deste estudo que será possível consolidar a análise desta pesquisa.

2.3 O Retorno do Acontecimento

O acontecimento pode ser definido como algo inovador, imprevisível e extraordinário. Um acontecimento é difundido pelos diversos veículos e após um determinado período de tempo ele pertence ao passado. Depois de um período no esquecimento, um acontecimento pode retornar a ser publicado nos veículos de comunicação por alguma causa, ou por diferentes motivações, ou por ainda possuir potencial. Esse acontecimento pode voltar a ser publicado apenas para ser lembrado, por fazer parte de um passado importante, ou por haver alguma nova informação, celebração ou homenagem.

De acordo com Charaudeau (2006), o passado também se torna presente em ocasiões específicas: uma comemoração ou uma "[...] celebração de um acontecimento pertencente a um passado cujo valor simbólico é preciso reviver" (p. 134).

O acontecimento pode ser relembrado pelos meios de comunicação porque surge junto com ele uma novidade ou uma nova informação significativa, explica Berger (2008).

> O tempo da história, definitivamente, não é linear, cronológico e racional. Os processos históricos ligados às memórias de passados conflitivos têm momentos de maior visibilidade e momentos de silenciamentos. O aparecimento de novos atores ou o surgimento de alguma nova informação pode provocar o reaparecimento do passado com novas significações. É o que podemos considerar como as camadas que cobrem o acontecido e que vão sendo descobertas ou destapadas ou desenterradas ao longo do tempo por diferentes motivações (BERGER, 2008, p. 27-28).

Berger (2008) cita Walter Benjamin, ao relatar que nada do que aconteceu pode ser perdido para a história. E nada do que tem potencial espetacular pode ser perdido para a mídia (BENJAMIN apud BERGER, 2008, p. 29). De tempos em tempos, Berger (2008) garante que os acontecimentos[38] afloram para não serem esquecidos.

> O acontecimento, somente se torna notícia a partir do momento em que é levado ao conhecimento de alguém e nomeado, ou seja, passa a existir discursivamente. Temos, assim, a necessidade de aparição de acontecimentos históricos na mídia

[38] Berger (2008) cita exemplos de acontecimentos que retornaram a mídia. "Nos anos de 1990, parecia que as camadas do 'Cone Sul' sangrento tinha sido destapadas e que se tinha chegado a um certo ponto de equilíbrio de uma 'convivência civilizada': indultos da Argentina, transição negociada no Chile, plebiscito no Uruguai, eleições diretas no Brasil, indicadores de uma calmaria em que as instituições pareciam conviver com o passado e aceitar a memória como parte da rotina política. No entanto, alguns anos depois, por diferentes razões, em cada um destes países, a memória das atrocidades retornou: a prisão de Pinochet na Inglaterra, a instalação da Comissão para a Paz e o reconhecimento das violações no Uruguai, a descoberta de mais casos de crianças adotadas na Argentina (BERGER, 2008, p. 28).

> calcada não em representar simplesmente fatos do passado, mas sim em sintetizar noções, acrescentar valores da atualidade e, porque não, mobilizar uma nova reflexão (CHARAUDEAU, 2006, p. 134).

Charaudeau (2006) afirma que a notícia é por definição passageira. [...] "A notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo; além do mais, é preciso que esse elemento novo seja portador de uma forte carga de inesperado" (p. 134). O autor afirma ainda que "o acontecimento é selecionado em função de seu potencial de saliência, que reside ora no notável, no inesperado, ora na desordem" (p. 141).

> O discurso das mídias se fundamenta no presente de atualidade, e é a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã, sem poder dizer muita coisa a respeito. Não raro fazem o que o meio profissional chama de perspectivação, que não pode trazer, no entanto, explicações históricas. Assim sendo, pode-se dizer que o discurso de informação midiático tem um caráter fundamentalmente a-histórico. O tempo só se impõe ao homem através do filtro do seu imaginário e, para as mídias, através do imaginário da urgência. Urgência na transmissão da informação que faz com que, uma vez concluído o ato, produz-se um vazio que deve ser preenchido o mais rapidamente possível por uma outra urgência; assim, de vazios em urgências constrói-se atualidade com uma sucessão de notícias novas, num avançar sem fim, e mesmo por antecipação (CHARAUDEAU, 2006, p. 134).

Conforme Berger (2008), alguns acontecimentos voltam à mídia quando possuem uma novidade, algo que nunca foi noticiado, relacionado com um acontecimento jornalístico disseminado há algum tempo. Esses acontecimentos voltam a disputar um espaço na agenda dos veículos de comunicação. Alguns fatos podem voltar algumas vezes e não necessariamente uma vez só.

> Para Ricoeur acontecimento e narrativa estão naturalmente imbricados. A narrativa produz uma configuração temporal particular, caracterizada pela mediatização do tempo vivido entre o campo da ação e da recepção. A descrição de um acontecimento não o aprisiona naquela lógica temporal, mas atravessa o passado e o futuro. Assim, narrar um acontecimento é, ao mesmo tempo, entrar num campo de experiência, no qual traços do passado são rememorados e transmitidos. Mas é também ingressar num horizonte de expectativas. A narrativa é configurada para um outro, dentro desse horizonte, que envolve, por exemplo, a vontade, a análise racional, a contemplação receptiva ou a curiosidade (KOSELECK apud BARBOSA, 2012).

Charaudeau (2006) afirma que o acontecimento jornalístico constrói-se, segundo três tipos de critérios: a atualidade, a expectativa e a socialidade. O autor lembra que só é possível

um fato se tornar acontecimento jornalístico quando é publicado e possui um grande alcance social. “O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção” (p. 151).

Para Berger (2008) “[...] a Cultura Midiática é orientada por uma lógica presenteísta, do instantâneo, do aqui e agora, e se apropria do passado pelo que ele tem de potencial espetacular, de matéria-prima midiática” (p. 26).

O retorno de um acontecimento pode ser motivado por uma nova informação com potencial ou somente pelo fato de lembrar algo pertencente ao passado e que motivado por alguma celebração volta a ganhar espaço na agenda dos veículos.

> Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX (BERGER, 2008, p. 25).

O retorno de um acontecimento jornalístico, como descreve Charaudeau (2006), é algo que a mídia não pode deixar de fora e que é necessário ser relembrado. Ele pode proporcionar ao leitor questões ainda não difundidas e o fazer pensar em possibilidades antes não pensadas. O acontecimento, quando retornado e revisto, pode trazer consigo algo novo e significativo.

“A presença do passado neste cenário se explica, por um lado, porque o acesso a ele se dá por algum evento do presente e, por outro, por que a mídia produz uma cultura da exposição, da visibilidade, da oportunidade de muitas falas serem ouvidas”. (BERGER, 2008, p. 26)

A partir do que foi exposto no capítulo todo, compreende-se que os veículos de comunicação escolhem de acordo com os seus critérios quais acontecimentos ganharão espaço. Os veículos ainda selecionam os acontecimentos mais importantes. É possível ocorrer de um acontecimento retornar a agenda jornalística trazendo novas informações e formas inovadoras de se refletir sobre determinado assunto. A volta de um acontecimento surge a partir de diversas motivações, como: a celebração de um acontecimento passado, a estruturação e seleção de um fato e quando há uma discussão social em torno de um acontecimento. Essas características podem estar presentes quando um acontecimento retorna.

3. ANÁLISE DE REPORTAGENS; O FIM DO QUARTETO FABULOSO 40 ANOS DEPOIS

Este capítulo corresponde à descrição e análise de oito reportagens publicadas em diferentes veículos de comunicação que tratam sobre o fim dos Beatles, ocorrido em 10 de abril de 1970. As matérias foram selecionadas a partir de uma procura através do site de buscas *Google*. O critério de escolha foi a busca por notícias, publicadas em sites de veículos de comunicação de prestígio e credibilidade no mercado, reconhecidos no país, e que tratassem do fim dos Beatles. Os textos apresentam notícias e/ou reportagens que abordam o fim dos Beatles 40 anos depois, ou seja, retratam o retorno do acontecimento jornalístico, quando o fato "término da banda" volta a ganhar espaços nos meios de comunicação por algum motivo. Foram eleitas matérias que tratassem sobre os 40 anos depois, publicadas nos anos de 2009 e 2010. Os 40 anos de término do grupo ocorreu em 2010, mas muitos veículos relembram este acontecimento um ano antes, em 2009.

A partir da análise concluída, será possível apresentar hipóteses sobre por que os meios selecionados relembram o fim do conjunto e de que forma os elementos que se referem a esse fim são apresentados pela imprensa 40 anos depois.

3.1 Seleção de Matérias para Análise

A procura pelas notícias foi feita através de uma seleção no site de buscas *Google*, com palavras chaves: "fim dos Beatles", "10 de abril de 1970", "separação dos Beatles" e "*the end* Beatles". A procura pelo material foi realizada nos primeiros dez dias do mês de agosto de 2012. Em meio à busca foi encontrada uma grande quantidade de matérias que relembram o fim da banda, mas muitas delas com fonte duvidosa, ou em blogs, não contendo identificação do autor. Essas matérias de fonte "duvidosa" dificultaram a procura de reportagens confiáveis. Optou-se por matérias publicadas em veículos de relevância e credibilidade em nível nacional, que possuem, além da versão digital, uma versão correlata impressa.

Na busca, as primeiras ocorrências de veículos jornalísticos de referência impressos e com versões digitais que apresentaram as palavras-chave citadas foram: o jornal gaúcho Zero

Hora[39], Folha de São Paulo[40], O Globo[41] e Correio Braziliense[42]. A seleção se estendeu em revistas e em quatro veículos foram encontradas reportagens: Rolling Stones[43], Isto é[44], Época[45] e Veja[46]. Dessa forma, foram selecionadas oito reportagens online, publicadas nos anos 2009 e 2010. O conteúdo analisado é composto por uma matéria de cada veículo de comunicação citado. Apresentamos abaixo uma breve descrição de cada notícia e/ou reportagem que compõem a amostra desta pesquisa.

A **matéria 01** da revista Rolling Stones possui como título: "Há 40 anos, Beatles chegaram ao fim"**.** A **matéria 02** publicada pela revista Istoé chama-se: "Por que os Beatles acabaram"**.** A **matéria 03** foi inserida pela revista Época e é denominada da seguinte forma: "Disputa por dinheiro foi principal causa do fim dos Beatles, diz livro". A **matéria 04** foi publicada pela revista Veja e denomina-se: "Beatles: a banda que reinventou o pop nos anos 60". A **matéria 05** foi publicada pelo jornal O Globo e apresenta como título: "Quatro décadas depois do fim, Beatles ganham nova homenagem brasileira"**.** A **matéria 06** é publicada pelo jornal Zero Hora e possui como título: "Separação dos Beatles completa 40 anos neste sábado". A **matéria 07** foi publicada pelo jornal Folha de São Paulo e tem como título: "'Dossiê Beatles' explica os motivos da separação da banda; veja livros". A **matéria 08** foi publicada pelo jornal Correio Braziliense e chama-se: "Há 40 anos, a música produziu obras-primas que ainda batem alto no coração de fãs de várias idades"**.**

Compreende-se dessa forma que o corpus de análise desta pesquisa é formado por oito notícias e/ou reportagens, quatro de revistas e quatro de jornais. Todas elas foram extraídas das edições online das revistas e jornais citados.

3.2 Metodologia de Pesquisa

A metodologia empregada para esta pesquisa é a análise de conteúdo das notícias e/ou reportagens que se referem ao rompimento dos Beatles. A análise pretende compreender como os veículos escolhidos relembram em suas matérias o fim dos Beatles que aconteceu há

[39] Foi fundado em 1964, é editado em Porto Alegre e a sua circulação é diária.
[40] É editado em São Paulo, foi criado em 1921 e a sua circulação é diária.
[41] É um jornal diário, sediado no Rio de Janeiro, fundado em 1925.
[42] Foi criado em 1960, é editado em Brasília e a sua periodicidade é diária.
[43] É uma revista semanal editada em São Paulo pela Spring Publicações. No Brasil começou a circular em 2006.
[44] É uma revista semanal publicada pela Editora Três. O veículo foi fundado em 1976.
[45] É uma revista semanal publicada pela Editora Globo, foi criada em 1998.
[46] Foi fundada em 1968, é da Editora Abril e circula semanalmente. (Os dados retirados sobre os veículos de comunicação foram retirados do portal de cada um).

40 anos. Como este fato retorna e é transmitido ao público. A metodologia de análise é conceituada como:

> É um método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas e veiculadas em forma eletrônica ou digital encontradas na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2007, p. 126-127).

De acordo com Bardin (1977), "[...] a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação" (p. 19).

A análise de conteúdo é um método de grande utilidade nas pesquisas jornalísticas. De acordo com Shoemaker & Reese (apud HERCOVITZ, 2007, p. 124) "[...] a análise de conteúdo ajuda-nos a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe as notícias e também estabelece alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens".

A análise de conteúdo é realizada pelo método quantitativo e qualitativo. Conforme Bardin (1977) na análise quantitativa, "[...] o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo e na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica num determinado fragmento de mensagem" (p. 21). O autor esclarece ainda que a análise de conteúdo visa "[...] obter por procedimentos sistemáticos e objetivos a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens" (p. 42).

Hercovitz (2007) afirma que "[...] a análise de conteúdo é um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informações, cujas palavras, frases, parágrafos, imagens, ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas previamente definidas com o objetivo de fazer interferência lógica sobre mensagens" (p. 125). Além disso, Herscovitz (2007) revela que a tendência atual da análise de conteúdo promove uma integração entre as duas visões.

> [...] Qualitativa e quantitativa - de modo que os conteúdos manifestam (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o

> significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido (HERCOVITZ, 2007, p. 126).

A análise das notícias e/ou reportagens selecionadas em diferentes veículos de comunicação será feita com base no conceito de acontecimento jornalístico proposto por Charaudeau (2006) indicado no segundo capítulo deste trabalho. Para a realização da análise é necessário compreender a dimensão do fato fim dos Beatles, como a imprensa escolhida entende este acontecimento. A partir da leitura atenta das notícias e/ou reportagens, serão avaliadas as ocorrências que se aproximam do que indica o conceito de acontecimento, referido por Charaudeau (2006). As matérias serão lidas buscando-se identificar as categorias indicadas a partir do conceito de acontecimento proposto pelo autor. A partir dessa leitura todas as frases que puderem se encaixar em uma ou outra categoria serão selecionadas. O conceito é definido pelo autor:

> O acontecimento, somente se torna notícia a partir do momento em que é levado ao conhecimento de alguém e nomeado, ou seja, passa a existir discursivamente. Temos, assim, a necessidade de aparição de acontecimentos históricos na mídia calcada não em representar simplesmente fatos do passado, mas sim em sintetizar noções, acrescentar valores da atualidade e, porque não, mobilizar uma nova reflexão (CHARAUDEAU, 2006, p. 134).

De acordo com o que preconiza a ideia de análise de conteúdo, baseada em categorias, elegeram-se os seguintes tópicos para servirem de análise deste trabalho: acontecimento social, nova reflexão, acrescenta valores de atualidade, valor simbólico e sintetiza noções. Cada uma delas será melhor explicada a seguir.

Conforme Charaudeau, (2006) o **acontecimento social** pode ser definido como, "[...] um fato que se inscreve num certo domínio do espaço público, e que pode ser reportado sob a forma de um minirelato. Assim, quando um jornal expõe os títulos 'Greve', 'Energia nuclear', 'Bósnia' e 'Rolling Stones no Olympia', cada um desses títulos refere-se a lugares, fatos, atores que aparecem num determinado setor da vida social" (p. 132). A partir do exposto pode-se compreender que quando se pensa em acontecimento social, um fato se torna discussão social, mobiliza pessoas, o público fala, divulga e pensa sobre ele.

A categoria **nova reflexão** de acordo com Charaudeau (2006) entende-se como "[...] elementos de informação que podem dar origem ao novo espaço temático, mas podem também se ligar a um espaço temático já circunscrito e conhecido, como no caso de um conflito que se prolonga e do qual as mídias se ocupam cotidianamente" (p. 132). A

explicação citada pelo autor pode ser compreendida quando uma matéria possibilita novas formas de se pensar sobre um fato. O fato em si já foi publicado e quando volta à mídia, causado por algum motivo, traz consigo novas reflexões. A notícia possibilita ao leitor uma nova análise sobre um acontecimento.

A categoria **acrescenta valores da atualidade**, de acordo com Charaudeau (2006), define-se: "A notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo; além do mais, é preciso que esse elemento novo seja portador de uma forte carga de inesperado" (p.134). Quando se pensa em acrescentar valores da atualidade, entende-se que são as novas informações significativas e importantes que adentram na agenda dos veículos de comunicação e proporcionam ao leitor informações atuais.

A categoria **valor simbólico,** segundo Charaudeau (2006) pode ser compreendido, "[...] quando houver uma comemoração que a faça sair, no ato de celebração de um acontecimento, pertencente a um passado, cujo valor simbólico é preciso reviver (ou mumificar) por ocasião de um aniversário: o passado se torna presente" (p. 134) Nesta categoria, um acontecimento importante, simbólico adentra aos veículos pelo fato de não poder ficar de fora, nas palavras do autor citado acima por pertencer a um passado que é preciso reviver.

A categoria **sintetiza noções** explica que "[...] o universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores" (p. 151). Nesta categoria compreende-se que os acontecimentos antes de publicados são estruturados, selecionados, sintetizados e racionalizados pela imprensa para, depois, serem distribuídos aos leitores.

Para a concretização do estudo serão avaliados os motivos, em cada uma das matérias, pelos quais o acontecimento jornalístico, fim dos Beatles, retornou ou foi agendado pelos veículos, analisando-se também de que forma aparecem as categorias citadas a partir do conceito de acontecimento citadas por Charaudeau (2006). O estudo será feito em busca de frases que retratem as categorias citadas. Para isso, será utilizado o método quantitativo e qualitativo da análise de conteúdo, uma forma de reforçar a análise para que possamos apresentar resultados sobre como os meios tratam da separação dos Beatles e por que essas matérias voltaram a ganhar espaço nos veículos selecionados.

3.3 Resultados da Análise

Para cumprir com os objetivos deste trabalho serão analisadas oito notícias e/ou reportagens extraídas de edições digitais de veículos de comunicação. Em cada notícia e/ou reportagem será feito um comentário apresentando seu principal assunto, como o veículo abordou os 40 anos do fim da banda e explicando o porquê deste acontecimento ter sido retomado pelo veículo. Depois, será apresentada a relação de cada um dos textos com as categorias definidas a partir do conceito de acontecimento jornalístico proposto por Charaudeau (2006).

Matéria 01 – Publicada pela Revista Rolling Stones

A matéria da revista Rolling Stones **"Há 40 anos, Beatles chegaram ao fim"**, possui uma ilustração e o seu texto é de meia página. Na matéria não há identificação do repórter que a produziu. Ela celebra o aniversário de 40 anos da separação do conjunto, foi publicada em 10 de abril de 2010.

A matéria relembra o porquê do fim da banda, os motivos que levaram a esse desfecho e lamenta o fato do término. Mas há ainda algo novo, lembrando que em 2009 todos os discos da banda ganharam versões remasterizadas e trata também do primeiro game dos Beatles. O game chama-se Beatles: *Rock Band*. Ao publicar sobre o aniversário de 40 anos do fim, o veículo informou também algumas novidades significativas, que podem ser enquadradas na categoria que confirma que o texto acrescenta valores da atualidade, proposta por Charaudeau (2006). Podemos detectar esta característica na matéria da **Rolling Stones**, com a frase: "Além dos 40 anos do clássico álbum *Abbey Road* todos os discos de estúdio da banda ganharam versões remasterizadas". A frase: "Soma-se a 2009 outro lançamento: o Beatles: *Rock Band*", também pode se enquadrar na categoria referida acima.

Na mesma matéria há uma frase relacionada à categoria que credita ao texto o valor de oferecer nova reflexão, com a frase: "Paul MacCartney anunciou o fim do *fab four,* para que cada integrante pudesse trilhar outros caminhos, direcionando força e talento a projetos solo", pelo fato de oferecer ao leitor uma nova análise sobre o assunto, instigando o público a pensar sobre o fato de diferentes formas.

A frase: "Canções de grandiosidade inquestionável, agregando fãs e mais fãs, mesmo com a passagem de quatro longas décadas", pode ser enquadrada na categoria valor simbólico porque a sua importância não se esgota com o decorrer do tempo, merece ser relembrada e

celebrada. Ela retorna por pertencer a um passado, cujo acontecimento é comemorado quando é necessário ser recordado. Nesta mesma categoria, encontram-se as frases: "Os bastidores dos últimos dias desta que é tida como a maior banda de rock de todos os tempos", "Há 40 anos, Beatles chegaram ao fim" e "Em 10 de abril de 1970, Paul McCartney anunciou o fim oficial desta que é considerada a maior banda de todos os tempos**"**.

Matéria 02 – Publicada pela Revista Istoé

A revista **Istoé** publicou no dia 16 de junho de 2010 a matéria **"Por que os Beatles acabaram"**, ela contém uma página de texto com fotografia e uma ilustração que explica o caminho percorrido pela banda. O conteúdo foi produzido pela repórter Patrícia Diguê.

O motivo da matéria ter ganho espaço no veículo é pelo fato do lançamento do livro "Você nunca me dá seu dinheiro: os Beatles após o rompimento" de Peter Doggett, que explica novos motivos da separação do conjunto britânico. A frase pode estar relacionada à categoria acrescenta valores da atualidade: "Livro recém-lançado nos EUA diz que imaturidade, egos inflados e má gestão selaram o fim da banda", porque nesta matéria nota-se a volta do acontecimento motivada pelo livro lançado com novos pretextos para a separação. É um elemento novo e inesperado, que é fundamental para o retorno do acontecimento, explica Charaudeau (2006). A passagem: "Peter Doggett, exime de culpa a vilã preferencial Yoko Ono, companheira de John Lennon que o teria afastado dos parceiros, e atribui a cisão a um erro de gestão", também pode se enquadrar na categoria citada acima.

A referência à categoria sintetizar noções pode ser percebida na frase: "A banda era muito maior que os talentos individuais de seus integrantes". Com o pretexto de resumir um assunto que poderia render mais do que somente um trecho em uma matéria, o fato sofre uma síntese. O trecho: "Como se sabe, a tão esperada reconciliação nunca houve", também se encaixa na categoria acima.

A categoria nova reflexão pode ser notada na passagem: "O autor lança luzes sobre as duas grandes teorias acerca da tensão que se criou entre John Lennon e Paul MacCartney e o fim dos Beatles", pelo fato de deixar explícito uma nova possibilidade que explica a separação do quarteto. A frase estimula o leitor a pensar e refletir a respeito dos porquês do fim.

Na mesma matéria pode ser constatada a categoria de valor simbólico, na frase: "Para os fãs daquela época, de hoje e provavelmente das próximas gerações, John, Paul, Ringo e George nunca se separaram", demonstra que este acontecimento apesar do tempo não se

perde, pelo significado que teve na sociedade e volta acompanhado de comemorações e outras motivações.

O acontecimento social também pode ser percebido no texto, na frase: "Os fãs dos Beatles continuam tentando entender quais motivos levaram o quarteto britânico a se separar, tão precocemente, e no auge da fama, em 1970", porque carrega com ela a repercussão que o fato teve e ainda causa ao ser lembrado quarenta anos depois do seu fim.

Matéria 03 – Publicada pela Revista Época

A reportagem da revista **Época**, **"Disputa por dinheiro foi principal causa do fim dos Beatles, diz livro"**, foi publicada no dia 16 de março de 2009. A matéria é de uma página de texto, possui uma imagem e foi produzida pela redação do veículo.

A matéria relata motivos sobre o fim da banda, ela foi selecionada para a agenda do veículo pelo fato de uma nova obra ser lançada com algo inesperado, que pode se encaixar na categoria acrescenta valores da atualidade. Esta matéria é semelhante à citada anteriormente, quando uma obra é publicada e se torna notícia. As frases a seguir podem ser enquadradas neste valor atual: "Nova biografia de John Lennon retira parte da culpa sempre atribuída a Yoko Ono, viúva do líder da banda, para o desaparecimento prematuro do quarteto inglês", porque traz com ela uma nova informação, proporcionando ao leitor novas perspectivas sobre o fim e "Segundo o recém-lançado livro *John Lennon - A Vida*, do jornalista Philip Norman, outro fator foi decisivo para o desaparecimento prematuro da banda: a disputa por dinheiro e pelo controle da marca".

A categoria nova reflexão também pode ser percebida no texto, no trecho: "A artista japonesa Yoko Ono, viúva de John Lennon, não foi a grande culpada pelo fim dos Beatles", porque proporciona novas ponderações e análises acerca deste fato.

Em outra frase da matéria pode ser constatada a categoria valor simbólico, no fragmento: "Foi o fim da banda que é considerada até hoje o maior fenômeno pop de todos os tempos", porque carrega consigo um valor que não pode ser esquecido deve ser revivido, comemorado, indiferente à passagem do tempo.

Matéria 04 – Publicada na Revista Veja

A revista **Veja** publicou no dia 19 de dezembro de 2010 a notícia **"Beatles: a banda que reinventou o pop nos anos 60"**. Nela há uma imagem de meia página, texto de uma página e meia e não há identificação do repórter que a produziu.

A matéria afirma que o ano de 2010 marca os 40 anos da separação dos Beatles e relata brevemente a história, lembrando fatos importantes da trajetória da banda. O texto recorda a separação dos Beatles e celebra o aniversário de morte da banda, que completou 40 anos em 2010. Por este motivo a matéria adentrou na agenda da revista Veja, nos últimos dias de 2009, com características que podem ser encaixadas na categoria valor simbólico, a partir das frases: "O quarteto ditou grande parte do comportamento e da moda dos anos 60", "O ano de 2010 marcará os 40 anos do fim da banda que moldou a música que se ouve até hoje no rádio" e "A dissolução dos Beatles foi o fim espiritual dos anos 60. 'O sonho acabou', decretou Lennon". Os fragmentos representam valor simbólico porque sugerem marcas de perenidade da banda e demonstram o valor das homenagens e comemorações realizadas.

Na mesma matéria ainda pode ser identificada a categoria relativa à sintetização de noções com os trechos: "Seus sons foram o veículo da revolta da juventude, subiram às alturas de Mozart e Beethoven e, de ruídos para a inconsequência de adolescentes, tornaram-se ritmos da alegria de viver para moços e velhos" e "Os Beatles mudaram a cabeça do mundo e revolucionaram, a cultura de seu próprio tempo com uma profundidade jamais vista nos últimos séculos", enquadra-se na categoria sintetiza noções. Percebemos que os fatos quando transmitidos se tornaram objetos de racionalizações, foram resumidos.

A categoria nova reflexão também pode ser visto na matéria, na frase: "Os novos tempos para a banda trouxeram aos Beatles todos os problemas da idade adulta", porque oferece ao público algo novo antes não pensado e o faz refletir sobre essas possibilidades.

A categoria de acontecimento social pode se encaixar na passagem: "A morte de Lennon desencadeou uma onda de comoção mundial". A frase retrata o tópico, pois em sua mensagem mobiliza pessoas em torno de um fato que gera impacto no público.

Matéria 05 – Publicada pelo Jornal O Globo

A matéria do jornal **O Globo "Quatro décadas depois do fim, Beatles ganham nova homenagem brasileira"**, foi inserida no dia 10 de abril de 2010, possui duas páginas de texto, duas ilustrações e o repórter que a produziu foi Henrique Porto.

O texto lembra os motivos do fim do quarteto e o assunto principal é a homenagem de músicos para a banda. A matéria explica quem são os músicos, a homenagem e informações a cerca do lançamento do disco. Na notícia, o fato do acontecimento ter retornado a agenda do jornal é a homenagem brasileira aos 40 anos do término dos Beatles, lançando o compacto e comemorando os quarenta anos de vida do disco "*Let it be*".

O texto pode ser enquadrado na categoria valor simbólico. As frases a seguir refletem essa categoria: “Quatro décadas depois do fim, Beatles ganham nova homenagem brasileira”, “Quatro décadas depois, uma legião de fãs e músicos ainda lamenta o fato, mas também celebra o legado deixado por McCartney, George Harrison, John Lennon e Ringo Starr” e “Há exatos 40 anos, o baixista anunciava sua saída dos Beatles e consequentemente o fim do maior fenômeno da música pop em todos os tempos”, pois fatos importantes do passado são trazidos à tona e revividos por causa da celebração.

Os fragmentos a seguir, retirados do texto, podem confirmar a presença de valores de atualidade: “No Brasil, o produtor musical Marcelo Fróes organizou o projeto ‘Beatles 70’, álbum que presta tributo ao repertório gravado pela banda no ano de sua dissolução”, “Beatles 70, que será lançado no final deste mês pelo selo Discobertas, conta com as participações de Arnaldo Antunes, Zé Ramalho, Cássia Eller, entre outros” e “Um outro DVD chega às lojas embalado pela efeméride ‘The Beatles: *live at Shea’* (Coqueiro Verde) traz o famoso show do quarteto no *Shea Stadium*, em Nova York”. Essas exemplificações informam o leitor sobre lançamentos atuais, informações novas e podem ser entendidas como motivadoras da publicação.

Matéria 06 – Publicada pelo Jornal Zero Hora

A matéria do jornal **Zero Hora** chama-se **“Separação dos Beatles completa 40 anos neste sábado”**. Ela foi publicada no dia 10 de abril de 2010, contém texto de uma página e meia e não há identificação do repórter que a produziu.

A causa da matéria sobre a dissolução da banda ter adentrado no veículo é por relembrar o aniversário do término da banda. A matéria não traz consigo mais informações, relata o término e não deixa passar essa data sem ao menos uma publicação. Com esta matéria podemos pensar que o acontecimento voltou para não deixar que o público se esqueça dos quarenta anos de uma das bandas mais importantes e conhecidas do mundo. O acontecimento jornalístico retornou também por causa da celebração dos quarenta anos. Esses motivos podem comprovar o valor simbólico presente no texto. As frases a seguir refletem esse tópico: “Separação dos Beatles completa 40 anos neste sábado”, “Há 40 anos, no dia 10 de abril de 1970, Paul McCartney anunciava a separação oficial dos Beatles” e “O sonho havia terminado”. Essas frases trazem traços de valor simbólico pela grandiosidade dos assuntos; separação dos Beatles, sonho terminado e retornam a mídia para recordar e celebrar o acontecimento do passado.

As seguintes frases podem marcar o texto com a categoria de nova reflexão, porque traduzem ideias novas, criando possibilidades de mudança na opinião do público. Além de proporcionar diferentes formas de se pensar sobre os fatos: "Não deixei os Beatles. Os beatles deixaram os Beatles, afirma Paul McCartney na autobiografia do grupo", "A ruptura ocorreu por muitos motivos, sobretudo porque cada um dos meninos queria viver sua própria vida e nunca tinham conseguido" e "Ringo afirma que, antes do anúncio de Paul, sempre havia a possibilidade de os Beatles continuarem juntos".

O trecho a seguir pode ser considerado indicativo da categoria sintetizar noções, pela objetividade e racionalidade da informação. Esta informação foi lapidada para chegar simples e direta ao público. "Mas a separação dos Beatles era inevitável".

Matéria 07 – Publicada pelo Jornal Folha de São Paulo

O jornal **Folha de São Paulo** publicou a matéria **"Dossiê Beatles explica os motivos da separação da banda; veja livros"**, no dia 19 de dezembro de 2009. A matéria é de meia página de texto, contém ilustração e não possui identificação do autor.

A reportagem explica o que há no livro e ressalta que a obra é mais um lançamento sobre a separação dos Beatles. A notícia revela que no livro é possível compreender sobre o fim dos Beatles e conhecer a história desde os primeiros tempos. A causa da matéria ter ganho espaço na **Folha de São Paulo** é pelo lançamento do livro, e pode-se perceber traços de valores de atualidade no texto, nos trechos: "'Dossiê Beatles' explica os motivos da separação da banda; veja livros", "Mais um lançamento sobre os Beatles chega às livrarias em 2009, 'Dossiê Beatles', de Daniel Rodrigues Aurélio, conta a trajetória de John, Paul, George e Ringo, responsáveis pela *beatlamania*"e "Ainda explica os motivos de separação da banda que influenciou gerações". Nestes fragmentos podemos perceber a característica de um valor atual, pois a matéria traz a informação nova do lançamento do livro, sobre fatos que estão sendo revelados. Ela se renova pelo acréscimo de elementos novos.

Matéria 08 – Publicada pelo Jornal Correio Braziliense

A matéria do **Correio Braziliense**, publicada no dia 12 de agosto de 2009, denomina-se: **"Há 40 anos, a música produziu obras-primas que ainda batem alto no coração de fãs de várias idades"**. Ela possui texto de duas páginas, cinco imagens pequenas e não há identificação do repórter que a produziu.

O texto aborda o fim dos Beatles, suas músicas e a influência que os garotos de Liverpool deixaram para o mundo. Trata também sobre a década de 1960, dos Rolling Stones e demais artistas que marcaram aquele tempo. O periódico solicitou que seis fãs brasilienses comentassem seis discos marcantes, o disco *Abbey Road* foi escolhido para tratar sobre os Beatles. A matéria lembra do fato "Fim Beatles" no início do texto e no comentário do fã. O acontecimento jornalístico do fim da banda retorna à pauta jornalística pelo fato do grupo ter marcado a década de 1960 e assim serem lembrados junto com ela. Com isso pode-se visualizar a categoria valor simbólico, nas frases: "Há 40 anos, a música produziu obras-primas que ainda batem alto no coração de fãs de várias idades", "Os Beatles miraram a estratosfera: se despediram dos fãs com Abbey Road, um dos maiores discos da carreira" e "Acima de tudo, produziu um conjunto de obras-primas que, 40 anos depois, ainda provocam paixões à primeira audição".

As frases mencionadas possuem caráter de perenidade, apesar da decorrência do tempo, não são esquecidas e são celebradas, revividas e homenageadas.

No mesmo texto pode-se constatar a incidência de nova reflexão, no trecho: "No disco duplo de 1968 (a obra-prima conhecida como "álbum branco"), os Beatles já soavam como uma banda em processo de dissolução. *Abbey Road* é o adeus do quarteto de Liverpool". A passagem estimula o leitor a pensar sobre o fim do Beatles, o porquê, a história e fazer a sua própria análise com essas indagações.

A categoria sintetizar noções pode ser encontrada no texto, na frase: "Eles são a prova de que o barulho de 1969 ainda ecoa alto no rock. Um ano que ainda não quer calar", porque a informação é resultado de uma construção, pois antes de ser transmitido ao público sofre uma seleção, o conteúdo é definido e trabalhado.

Após a análise de cada uma das matérias, a partir das categorias elencadas do conceito de acontecimento jornalístico proposto por Charaudeau (2006), percebe-se que algumas se destacam mais que outras. Também é possível avaliar que todas aparecem de uma forma geral. A categoria que teve mais incidência em frases foi a que diz respeito ao valor simbólico. O acontecimento jornalístico "fim dos Beatles", retornou nas matérias selecionadas através de motivações, como: celebrações, homenagens e comemorações, como aniversários e shows, além de lançamento de livros, discos e games.

Para um entendimento mais claro, a Figura 1 deste trabalho elenca quantitativamente como cada categoria foi citada no recorte analisado.

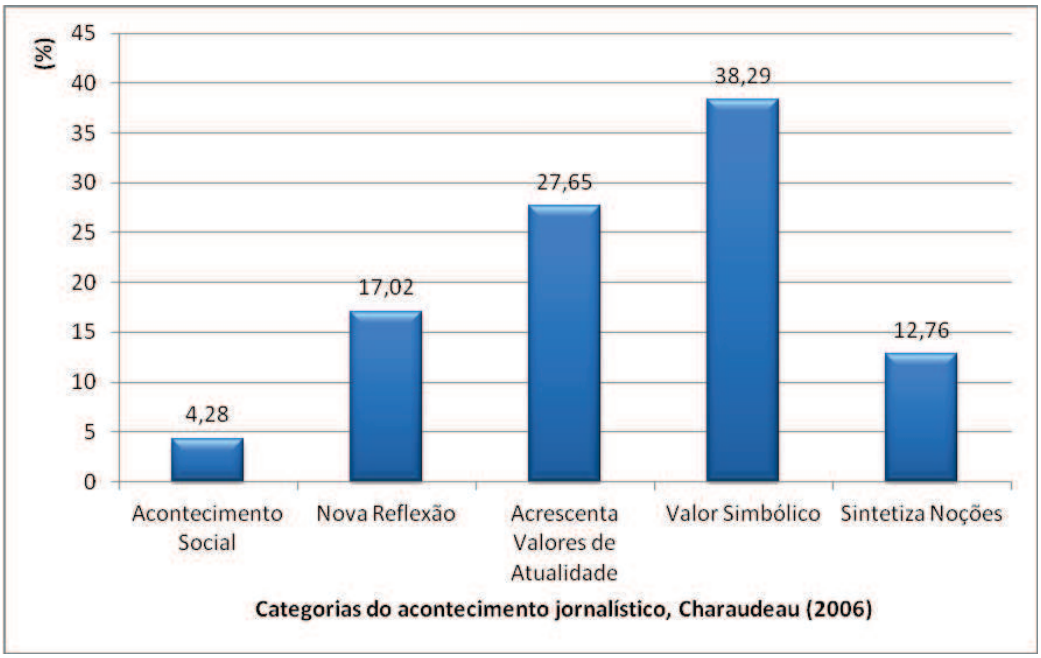

Figura 1 - Gráfico das categorias do acontecimento jornalístico contidas em frases, nas oito matérias analisadas.

Ao final da análise, obtivemos um total de 47 trechos das matérias que faziam referência a pelo menos uma das categorias. Entre as cinco categorias distintas, a que indica o valor simbólico prevaleceu, somando 38, 29%, o que equivale a uma quantidade de 18 frases nas oito matérias selecionadas. Ela representa a volta do acontecimento incentivada por uma celebração importante, como aniversário e homenagem ao Beatles pelo que representaram para o mundo e a sociedade.

A categoria acrescenta valores de atualidade manifestou-se 27,65%, 13 frases analisadas nas matérias do recorte. Essa categoria pode ser compreendida quando o acontecimento retorna trazendo com ele valores atuais, ou seja, um elemento novo, uma informação nova relacionada com o acontecimento fim dos Beatles.

A categoria nova reflexão pode ser observada com 17,02%, numa quantidade de 8 frases extraídas das matérias que formaram o recorte. Essa categoria pode ser entendida quando possibilita ao leitor novas formas de se pensar sobre um determinado fato. No contexto deste trabalho as frases apresentaram informações antes não pensadas sobre a história da banda.

A categoria sintetiza noções também pode ser percebido com recorrências, somando-se 12,76%, em 6 frases estudadas a partir dos critérios da análise. Este tópico pode ser entendido quando uma informação é racionalizada e resumida, como por exemplo, apresentando uma ideia dos Beatles de forma sintetizada.

A última categoria, acontecimento social, pode ser observada em um número baixo de frases. Dos trechos extraídos por meio da seleção, foram constantes em 4,28%, uma quantidade de 2 trechos. A categoria acontecimento social pode ser compreendida como uma informação importante no contexto de uma sociedade e assim se torna discussão social e mobiliza pessoas. Nas frases selecionadas deste trabalho pode-se perceber o acontecimento social com o conteúdo referente ao fim do grupo, algo sem volta e por isso impactante.

É importante salientar que nesta pesquisa, as categorias foram buscadas em frases que representem essa linha de ideias explicada acima. As matérias foram lidas atentamente e as categorias foram procuradas nas oito matérias que formam o corpus desta pesquisa, o que está ilustrado na Figura 1 deste trabalho.

Portanto, foi possível perceber, através desta análise, que os veículos deste recorte utilizam-se e precisam da atualidade e novidade em seus materiais divulgados. Mas percebe-se que eles também reservam espaços em suas agendas para acontecimentos do passado, que retornam motivados por diferentes causas. Além disso, as matérias desse recorte são de fácil compreensão, com conteúdo claro e explicativo, possibilitando o entendimento a qualquer cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou identificar através da análise de conteúdo, por que as matérias selecionadas, que tratam sobre o fim dos Beatles, 40 anos depois, retornaram aos veículos e por quais motivações. As categorias do acontecimento jornalístico de Charaudeau (2006), usadas nesta pesquisa, embasaram e contribuíram para a consolidação da análise. As categorias são: acontecimento social, nova reflexão, acrescenta valores de atualidade, valor simbólico e sintetiza noções. É importante esclarecer que as categorias surgiram de reflexões construídas através do conceito de acontecimento jornalístico de Charaudeau (2006). Para a concretização deste estudo desenvolveu-se uma metodologia de análise de conteúdo baseada na construção de categorias a partir do conceito do autor.

Os Beatles foram pioneiros e inovaram a forma de compor e fazer canções, além de criar o videoclipe e revolucionar o mundo da música. O quarteto esteve presente nos veículos de comunicação e mesmo com o fim da banda não deixou de ser lembrado pela imprensa. De tempos em tempos, o acontecimento fim dos Beatles retorna a agenda dos veículos por diferentes motivações, algum elemento novo que envolve o fim, ou recordar um fato importante relativo ao passado do grupo e alguma homenagem atual.

A partir da análise realizada, foi possível constatar que cada uma das oito matérias selecionadas no corpus desta pesquisa possuía uma causa para adentrar na agenda dos veículos. Das categorias propostas para pesquisa, por meio da análise de conteúdo, através de frases, a mais frequente nas matérias foi a relativa ao valor simbólico, que se justifica pela volta do passado provocada por uma comemoração ou celebração, como diz Charaudeau (2006), um acontecimento cujo valor simbólico é de extrema importância e por esse motivo é preciso reviver, ou seja, recordar e publicar algo sobre ele.

A segunda categoria que prevaleceu acrescenta valores de atualidade, pode ser constatada nas matérias, quando um novo elemento é adicionado para relembrar o fim, como o lançamento de uma nova obra, discos produzidos em homenagem ao quarteto, mas acompanhadas do fato, fim dos Beatles. E assim sucessivamente as outras categorias foram aparecendo, nova reflexão, sintetiza noções e acontecimento social. A análise de conteúdo confirma o fato de que as matérias só retornaram à agenda dos veículos jornalísticos por algum motivo e as categorias auxiliaram na identificação dessas causas.

Na pesquisa ainda pode ser observado que a categoria nova reflexão é difundida consideravelmente, pois os veículos usaram esse tópico para provocar o leitor a pensar sobre

um determinado fato e o estimula a aprofundar uma reflexão, uma nova forma de pensar. Nas matérias esse tópico pode ser percebido em frases que proponham ao leitor pensar em um fato com mais atenção e que o leve a ponderar em outras possibilidades.

Vale destacar ainda as limitações desta pesquisa. Embora os Beatles sejam uma das bandas, se não a banda mais conhecida no mundo, a busca por matérias em um mesmo veículo sobre o fim dos Beatles, em diferentes décadas não foi satisfatória, como era o objetivo inicial desta pesquisa. Optou-se então por uma pesquisa no navegador *Google* e as principais ocorrências em veículos de credibilidade formaram o recorte de matérias estudado.

Ao término desta pesquisa é interessante destacar que as conclusões apontadas ainda precisam e mereçam maior investigação. O resultado alcançado refere-se ao recorte escolhido e analisado. Este estudo, em meio às inúmeras pesquisas realizadas durante a produção do trabalho, percebe-se que é um tanto inexplorado, ainda sem muitas análises semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. *A construção da notícia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ANJOS, Francisco Flávio Oliveira. *The Beatles*: Ensaio sobre a ética do amor, 2007. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/FranciscoFOA.pdf>. Acesso em: 22 set. 2012.

ANTUNES, Elton. *Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico*, 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/1997/1325#capitulo3topo>, Acesso em: 3 nov. 2012.

ASSIS, Marcelo. *Vendas de músicas digitais dos Beatles superam a marca de 2 milhões de músicas no iTunes*, 2012. Disponível em: <www.musicjournal.com.br/vendas-de-musicas-digitais-dos-beatles-superam-a-marca-de-2-milhoes-de-musicas-no-itunes/>, Acessado em 02 de abril de 2012.

AURÉLIO, Daniel Rodrigo. *Dossiê Beatles*. A banda que influenciou gerações. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

BARBOSA, Marialva. *O Acontecimento Contemporâneo e a Questão da Ruptura, 2012*. Disponível em: <http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera02/organizacao/txtsoc1.htm >, Acesso em: 4 nov. 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal. Editora Edições 70, 1977.

BARROS Filho, Clóvis. *Agenda Setting e educação, 1996*. Publicação da Revista Comunicação e Educação. São Paulo. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/viewFile/3973/3730>. Acesso em: 31 out. 2012.

BERGER, Christa. Lembrar, esquecer, narrar, expor, anistiar, cobrar. Política de memória e memória midiatizada. In: Christa Berger; Beatriz Marocco. (Org.). *Ilha do presídio*: uma reportagem de ideias. 1. ed. Porto Alegre: Libretos, 2008, v. 1, p. 21-32.

BEZERRA, Emanuelle. *Como o Festival de Woodstock mexeu com o mundo, 2009*. Disponível em: <opiniaoenoticia.com.br/vida/comportamento/como-o-festival-de-woodstock-mexeu-com-o-mundo>. Acesso em: 16 set. 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COLLING, Leandro. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. *Revista Famecos*, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3154/2425>, Acesso em: 2 de Nov. 2012.

DEURSEN, Felipe Van. *Baby Boom*: os filhos da guerra, 2006. Disponível em: <guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/baby-boom-filhos-guerra-434973.shtml>, Acesso em: 4 out. 2012.

FABRA, Jordi Sierra. *O jovem Lennon*. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.

FAGUNDES, Cris. *Aleister Crowley e o Rock and Roll, 2012.* Disponível em: <http://www.clickriomafra.com.br/rocknauta/categoria/the-beatles>. Acesso em: 01 out. 2012.

FÁVERO, Altair, A.; GABOARDI, Ediovani A. (Coord.). *Apresentação de Trabalhos Científicos*. Normas e orientações práticas. 4. ed. amp. Passo Fundo: UPF Editora, 2008.

GARCIA, Claudia. *Anos 60*. A época que mudou o mundo, 2012. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/anos60.htm>, Acesso em: 16 set. 2012.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LAGE, Leandro. *Acontecimento e mediatização*: *entre o determinismo e a contingência*, 2011. Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7916/7316 >. Acesso em: 2 nov. 2012.

LINO, Eduardo. *Critérios de Noticiabilidade, o fator proximidade!,* 2010. Ensino Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/55827271/Criterios-de-Noticiabilidade-Teorias-da-Noticia>, Acesso em: 2 nov. 2012.

MANO, Lucyanne. *1969*: Festival de Woodstook – Uma maratona cultural pelo amor e a paz, 2007. Disponível em: <http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=4161>. Acesso em: 19 nov. 2012.

MOUILLAND, Maurice. (Org.) Sérgio Dayrell Porto. *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15. 1997.

O GLOBO. *Beatles dominam venda de singles nos últimos 60 anos no Reino Unido, 2012*. Disponível em: <g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2012/06/beatles-dominam-venda-de-singles-nos-ultimos-60-anos-no-reino-unido.html>. Acesso em: 2 out. 2012.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo, conceitos e histórias*. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.

PIRES, Bruna. *Realidade construída:* uma análise dos valores-notícia e da serialidade temática presentes nas reportagens do telejornal Bahia Meio Dia, da TV Oeste, 2010. Faculdade São Francisco de Barreiras, Barreiras, Bahia. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-0013-1.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2012.

RAONIE. *A importância dos Beatles para o rock, 2011*. Disponível em: <http://publicarpa.blogspot.com.br/2011/04/importancia-dos-beatles-para-o-rock.html>, Acesso em: 2 out. 2012.

REBOUÇAS, Fernando. *Contracultura,* 2008. Disponível em: <http://www.infoescola.com/cultura/contracultura/>. Acesso em: 4 out. 2012.

REBOUÇAS, Fernando. *Agenda Setting,* 2009. Disponível em: <http://www.infoescola.com/jornalismo/agenda-setting/>. Acesso em: 28 out. 2012.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O Acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo*: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Veja, 1993. p. 27-33.

SALA, Alex. *Muro do Classic Rock*. Biografias e discografias, 2010. Disponível em: <http://murodoclassicrock4.blogspot.com.br/search?q=the+beatles>. Acesso em: 16 set. de 2012.

SANT'ANA, Thaís. *O que foi a geração beat?* 2012. Disponível em: < http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-a-geracao-beat>. Acesso em: 4 out. 2012.

SILVA, Matheus. *Critérios de noticiabilidade*: uma análise de conteúdo do caderno de esportes do jornal Zero Hora, 2011. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33680/000789828.pdf?sequence=1>, Acesso em: 2 nov. 2012.

SOUSA, Rainer. *As lutas do movimento hippie*, 2012. Disponível em: <www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/as-lutas-do-movimento-hippie.htm>, Acesso em: 4 out. 2012.

SPITZ, Bob. *The Beatles*. A Biografia. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

TRAQUINA, Nelson. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TURNER, Steve. *The Beatles*. A história por trás de todas as canções. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

VIZEU, Alfredo. *O "mundo" dos telejornais: a teoria do agendamento.* Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_mundo_dos_telejornais_a_teoria_do_agendamento>, acessado em 12 de dezembro de 2012.

ANEXOS

ANEXO 1

<www.rollingstone.com.br/noticia/ha-40-anos-beatles-chegaram-ao-fim/**>.** Acesso em: 7 ago. de 2012.

Há 40 anos, Beatles chegaram ao fim

Em 10 de abril de 1970, Paul McCartney anunciou o fim oficial desta que é considerada a maior banda de todos os tempos

por **DA REDAÇÃO**
10 de Abril de 2010 às 10:44

O dia 10 de abril pode ser considerado uma péssima data para muitos que têm pelos Beatles o carinho de fã. Há exatos 40 anos, Paul McCartney anunciou o fim do Fab Four, para que cada integrante pudesse trilhar outros caminhos, direcionando força e talento a projetos solo.

McCartney, John Lennon, Ringo Starr e George Harrison, por seu trabalho em conjunto, foram responsáveis por canções de grandiosidade inquestionável, agregando fãs e mais fãs, mesmo com a passagem de quatro longas décadas - provando que quando a música é boa, seu prazo de validade é inexistente.

Em clima de uma efeméride um tanto quanto triste,**relembre aqui** a matéria de capa da edição 36 da *Rolling Stone Brasil*, publicada em 2009. A reportagem mostra os bastidores dos últimos dias desta que é tida como a maior banda de rock de todos os tempos.

Ano especial

Se em 2010 a homenagem é triste, é possível dizer que 2009 foi, positivamente, o "ano Beatles". Além dos 40 anos do clássico álbum *Abbey Road*, todos os discos de estúdio da banda ganharam, no ano passado, **versões remasterizadas** - com melhor qualidade de som

que a dos CDs lançados em 1987 -, atingindo o topo das paradas em vendas. Soma-se a 2009 outro lançamento: o***Beatles: Rock Band***, a primeira versão do game exclusivamente dedicada a uma só banda, possibilitando a algumas pessoas a junção de duas paixões: videogames e Beatles.

ANEXO 2

<www.istoe.com.br/reportagens/88603_POR+QUE+OS+BEATLES+ACABARAM>. Acesso em: 5 de ago. de 2012.

Por que os Beatles acabaram

Livro recém-lançado nos EUA diz que imaturidade, egos inflados e má gestão selaram o fim da banda

Patrícia Diguê

GRUPO
Da esq. para a dir.: George, John, Paul e Ringo

Quarenta anos depois do fim da banda mais famosa da história da música, os fãs dos Beatles continuam tentando entender quais motivos levaram o quarteto britânico a se separar, tão precocemente, e no auge da fama, em 1970. Uma obra recém-lançada nos Estados Unidos e sem previsão de chegada ao Brasil, "You Never Give me your Money: The Beatles after the Breakup" (Você nunca me dá seu dinheiro: os Beatles após o rompimento, na tradução literal), ajuda a engrossar o caldo de suposições. Nela, o autor, Peter Doggett, exime de culpa a vilã preferencial Yoko Ono, companheira de John Lennon, que o teria afastado dos parceiros, e atribui a cisão a um erro de gestão. Ou melhor, ao pior erro de gestão da história da indústria do entretenimento, segundo ele. Que, para desespero dos beatlemaníacos que sonham com as canções que poderiam ter sido feitas, tinha chance de ser evitado.

Para justificar sua tese, o americano Doggett, jornalista especializado em música e também autor de "The Art and Music of John Lennon" (sobre a criação dos Beatles), lança luzes sobre as duas grandes teorias acerca da tensão que se criou entre John Lennon e Paul McCartney e o fim dos Beatles. A primeira, e consagrada, coloca a presença ostensiva de Yoko Ono entre eles como responsável pelos conflitos. E a segunda culpa a ganância do

advogado americano Allen Klein, que representava os Rolling Stones e substituiu o empresário de confiança do grupo Brian Epstein, morto em 1967.

Na opinião de Doggett, tanto Yoko quanto Linda Eastman, a então namorada e futura esposa de Paul, eram mulheres fortes, que apenas queriam ficar perto dos homens que amavam. O advogado Klein não tem uma avaliação tão simpática. É considerado um canalha e responsável por batalhas épicas entre os integrantes da banda. O americano que substituiu Epstein articulou uma aliança de John, Ringo Starr e George Harrison contra Paul, porque ele preferia que o pai de sua noiva, o empresário Lee Eastman, cuidasse dos negócios do grupo. A partir daí, criou-se uma grande distância entre Paul e o resto do grupo.

Para Doggett, as brigas sem motivo entre aqueles garotos de vinte e poucos anos poderiam ter sido controladas com a presença de uma pessoa sensata que conseguisse mostrar o óbvio: que a banda era muito maior do que os talentos individuais de seus integrantes. Segundo o autor, as pessoas mais maduras que auxiliavam o quarteto tiveram pouca utilidade, como o produtor George Martin, "amável demais", e o responsável pela gravadora deles, a Apple, Neil Aspinall, que apenas se ocupava dos negócios e permaneceu alheio à batalha de egos que tomou conta do grupo. Em sua opinião, ninguém envolvido na gestão da banda foi inteligente o suficiente ou teve coragem o bastante para forçar dois jovens imaturos (leia-se Paul e John), dos quais todo aquele império musical dependia, a procurar terapia.

O livro começa com o assassinato de John em Nova York, em 1980, e logo depois se volta para o final dos anos 60, quando "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band", o oitavo álbum, considerado por muitos o melhor de todos, foi lançado, em 1967. O autor conta que Paul e John usavam até músicas para se provocar – caso da canção que dá título ao livro, "You Never Give me your Money", de Paul McCartney, do álbum "Abbey Road". Doggett critica tanto as atitudes arrogantes de Paul, que queria ser o líder da banda, quanto a mesquinhez de John, que se opunha a qualquer tentativa de reconciliação. "É surpreendente que ele seja lembrado como um mártir amante da paz", afirma.

O autor especula, ainda, que pode ter sido justamente a abundância de dinheiro que fez com que os quatro não se esforçassem para se manter juntos. Antes da morte de John, eles recebiam seguidas propostas para retomar o grupo em troca de US$ 30 milhões. Mas o dinheiro foi um instrumento fraco de convencimento. Como se sabe, a tão esperada reconciliação nunca houve. Mas, no imaginário dos beatlemaníacos, a banda permanece unida, assim como no rádio, na televisão, na internet, em filmes e videogames. Para os fãs daquela época, de hoje e provavelmente das próximas gerações, John, Paul, Ringo e George nunca se separaram.

FORTUNA E GLÓRIA

1960
Criação dos Beatles

1963
Primeiro álbum, "Please Please me"

1966
Grupo deixa de fazer shows ao vivo

1967
Morre o empresário da banda, Brian Epstein

1969
Após meses de discórdia, sai o último álbum, "Abbey Road"

1970
A banda anuncia a dissolução

2001
George Harrison morre de câncer

1980
John Lennon é assassinado em Nova York

1985
Michael Jackson compra por US$ 47,5 milhões os direitos sobre as músicas

2008
Os Beatles ocupam o primeiro lugar na lista da "Billboard" dos artistas mais vendidos

2009
Edição limitada de coletânea gera US$ 562 milhões em cinco dias

ANEXO 3

<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI64276-15565,00-DISPUTA+POR+DINHEIRO+FOI+PRINCIPAL+BR+CAUSA+DO+FIM+DOS+BEATLES+DIZ+LIVRO.html>. Acesso em: 3 ago. de 2012.

Disputa por dinheiro foi principal causa do fim dos Beatles, diz livro

Nova biografia de John Lennon retira parte da culpa sempre atribuida a Yoko Ono, viúva do líder da banda, para o desaparecimento prematuro do quarteto inglês.

Redação Época

Antes da crise - O quarteto com o empresário da banda, Brian Epstein (*ao fundo*), em 1964

A artista japonesa Yoko Ono, viúva de John Lennon, não foi a grande culpada pelo fim dos Beatles, embora ela tenha contribuído para o aumento das tensões e desafinidades que começam a aparecer entre os quatro músicos ingleses no fim da década de 60. Segundo o recém-lançado livro *John Lennon - A Vida*, do jornalista Philip Norman, outro fator foi decisivo para o desaparecimento prematuro da banda: a disputa por dinheiro e pelo controle da marca.

Em 1968, após a morte de seu empresário, Brian Epstein, a banda criou a Apple, uma companhia que iria gerenciar tudo relacionado à marca da banda, e Paul assumiu uma postura de liderança sobre os outros três. “Vez por outra, eu ainda sentia que Brian ia chegar e dizer ‘é hora de gravar’ ou ‘é hora de fazer isso’. E Paul começou a fazer aquilo... ‘Agora vamos fazer um filme. Agora vamos gravar um disco.’ E ele supôs que, se não nos convocasse, ninguém chegaria a fazer um disco. Paul dizia, vamos lá, que agora ele estava a fim — e de repente eu tinha que desovar vinte canções”, falaria John posteriormente.

Norman escreve que já no final daquele ano o dinheiro do grupo estava sendo consumido pela Apple, repleta de pessoas em busca do sucesso ou simplesmente vivendo do dinheiro dos Beatles. Segundo depoimento de John, “dezoito ou vinte mil libras rolavam para

fora toda semana... e ninguém tomava nenhuma atitude". Os Beatles então se deram conta de que Paul e John não estavam funcionando muito bem como empresários, e que a Apple precisava de uma "nova vassoura", que colocasse ordem na casa.
Nessa época, Paul já estava morando com Linda Easterman, filha de um renomado advogado nova-iorquino. Quando ele conheceu o pai de Linda, achou que encontrara a solução perfeita para os Beatles e a Apple. John, entretanto, encontrou-se em segredo com o contador Allen Klein e, na mesma noite em que o conheceu, rabiscou um bilhete para o presidente da gravadora EMI, Joseph Lockwood, dizendo que a partir daquele momento todas as suas coisas estavam sob os cuidados de Klein. Depois, apresentou a proposta aos companheiros de banda. Paul foi contra: a família Easterman já falara para ele de uma má reputação em torno de Klein, mas George Harisso n e Ringo Star foram convencidos pelos argumentos de John e apoiaram sua iniciativa.

Paul, então, foi obrigado pelo resto do Beatles a deixar que Klein assumisse o controle da Apple, mas, conforme conta Norman, não assinou nenhum contrato nem deixou o contador ter influência pessoal nele. Manteve a família Easterman por perto como seus conselheiros particulares. Paul sentiu-se ofendido e perdeu o interesse no grupo. Allen Klein e Lee Easterman passariam os próximos meses batalhando pelo controle da companhia, com sucessos maiores para Klein, e os Beatles ainda gravariam *Abbey Road*, um último momento em que conseguiram trabalhar em grupo, embora já sentissem que estavam próximos de acabar. "Todos nós sabíamos que aquilo era o fim", disse George Martin, o produtor da banda.

Em setembro de 1969, quando a banda se reuniu para assinar um novo contrato com a gravadora Capitol, Lennon teria feito um desabafo reclamado do controle que Paul tinha exercido na banda nos últimos anos e terminou dizendo que a banda acabara e que ele estava fora. O anúncio do fim dos Beatles, entretanto, foi adiado até o lançamento de *Abbey Road* e só foi feito no meio de 1970, por Paul.
Paul depois entrou com um processo para dissolver a parceria legal que os quatro músicos haviam assinado como Beatles & Co em 1967. Os advogados dele afirmavam que quando John, George e Ringo contrataram Klein contra a vontade de Paul, eles romperam o acordo de parceria. Ele também acusava Klein de desviar dinheiro e enriquecer ilegalmente às custas da Apple. O processo se arrastou nas cortes inglesas até 1975, quando a parceria foi definitivamente dissolvida. Foi o fim da banda que é considerada até hoje o maior fenômeno pop de todos os tempos.

ANEXO 4

<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/musica/beatles-a-banda-que-reinventou-o-pop-nos-anos-60/>. Acesso: em 9 de ago. de 2012.

19/12/2009
às 15:32 \ Música

Beatles: a banda que reinventou o pop nos anos 60

O ano de 2010 marcará os 40 anos do fim da banda que moldou a música que se ouve até hoje no rádio. Formado no fim dos anos 50 em Liverpool, na Inglaterra, o quarteto formado por Paul McCartney, Ringo Starr, George Harrison e John Lennon pode ser considerado o maior nome da história do pop, com seus concertos para multidões de fãs que não se limitam a ouvir a música de seus ídolos, mas também querem imitá-los. Como descreveu VEJA em maio de 1970, "em um certo sentido, durante longo tempo, os Beatles representaram dois milagres: o da música e o da democracia. Seus sons foram o veículo da revolta da juventude, subiram às alturas de Mozart e Beethoven e, de ruídos para a inconsequência de adolescentes, tornaram-se ritmos da alegria de viver para moços e velhos. Ao mesmo tempo, os quatro jovens de Liverpool viviam a síntese maravilhosa da liberdade individual para cada integrante da banda".

Durante quase uma década os Beatles foram, mesmo, como John Lennon disse numa entrevista polêmica em 1966, mais famosos do que Jesus Cristo. O quarteto ditou grande parte do comportamento e da moda dos anos 60. Uma delas surgiu com *Revolution*, em 1968. Assim que a banda começou a cantar as delícias da filosofia oriental, aumentou o afluxo de jovens turistas americanos e europeus aos países da Ásia. O fenômeno, porém, não agradou aos orientais. Naquele mesmo ano, o governo tailandês proibiu as companhias aéreas que

serviam ao país de admitirem em seus aviões pessoas com "os cabelos do tipo Beatle ou vestimentas hippies".

Além de talento, o quarteto contava com um admirável senso de oportunidade. Não faltavam façanhas sensacionais ou frases provocativas pouco antes dos lançamentos de seus discos. Em 1967, por exemplo, antes da estreia de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, o grupo comprou uma página do mais austero jornal de Londres, o *Times*, para publicar uma petição contra a lei que proibia o livre consumo de maconha. Apóstolos da vertente psicodélica, os Beatles ajudaram a divulgar a cultura da droga. Há quem acredite que o título da música *Lucy In the Sky with Diamonds*, do álbum *Sgt Pepper's*, traga veladamente a sigla LSD.

Um ano mais tarde, os Beatles lançaram o disco que ficou conhecido como *Álbum Branco***.** Foi o primeiro trabalho do grupo após a morte do empresário e orientador da banda Brian Epstein. Foi também um sério indicador de que o quarteto não permaneceria junto por muito tempo. O*Álbum Branco* foi marcado por canções românticas, despretensiosas e nostálgicas. Com a morte de Epstein, a banda se reunia cada vez menos – somente na época de gravação dos discos e pelo menor tempo possível.

Se para montar o álbum *Stg Pepper's* o quarteto levou seis meses, em *Abbey Road*, o penúltimo disco lançado pela banda, os Beatles passaram apenas 15 dias reunidos. A capa deste álbum tornou famoso o boato de que Paul McCartney havia morrido em um acidente de moto. A foto mostra John, Ringo, Paul e George cruzando em fila indiana a rua iluminada, onde se destaca um fusca branco estacionado à esquerda. Na imagem, McCartney aparece de terno escuro, descalço e sem fazer o mesmo passo dos colegas. O álbum foi um sucesso de crítica e parecia que as turbulências haviam cessado. Só parecia.

Paul estava, de fato, em descompasso com os colegas. Os novos tempos para a banda trouxeram aos Beatles todos os problemas da idade adulta. Muitos deles ajudaram a explicar o desligamento de McCartney. Com a morte de Epstein, ele ficou encarregado de grande parte dos negócios do grupo. Depois de se casar com a herdeira da indústria fonográfica Linda Eastman, quis que o sogro fosse o empresário dos Beatles, o que os outros três não aceitaram. A partir de então, cada membro do quarteto passou a se dedicar a projetos pessoais. "Os Beatles estão mortos desde o Álbum Branco. Cada faixa é uma faixa individual. Não há música beatle no LP", chegou a dizer John Lennon. Em 1971, McCartney entrou com uma ação na Justiça pedindo prestação de contas de todos os contratos entre os membros dos Beatles, o que representou oficialmente a dissolução do conjunto. Não parece casual que a banda tenha se desfeito em 1970: a dissolução dos Beatles foi o fim espiritual dos anos 60**.** "O sonho acabou", decretou Lennon.

Já no fim de 1980, as rádios de todo o mundo, de Nova York a Tóquio, do Rio de Janeiro à Cidade do México, voltaram a tocar exaustivamente a música dos Beatles. A atitude foi uma homenagem a John Lennon, assassinado em 8 de dezembro daquele ano por Mark David Chapman, um ex-segurança desempregado de 25 anos. A morte de Lennon desencadeou uma onda de comoção mundial. Três fãs chegaram a se suicidar de desespero. Como definiu VEJA em sua reportagem sobre a morte de Lennon. "Os Beatles mudaram a cabeça do mundo e revolucionaram, a cultura de seu próprio tempo com uma profundidade jamais vista nos últimos séculos. John Lennon, a cabeça do grupo, encarnou como nenhum outro artista do século XX o conceito de modernidade".

ANEXO 5

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2009/08/12/interna_diversao_arte,134140/index.shtml>. Acesso em: 8 ago. de 2012.

10/04/10 - 07h00
Atualizado em 10/04/10 - 16h21

Quatro décadas depois do fim, Beatles ganham nova homenagem brasileira

Projeto 'Beatles 70' conta com Zé Ramalho e Arnaldo Antunes, entre outros.
Há 40 anos, Paul McCartney anunciava sua saída da banda.

Henrique Porto Do G1, no Rio

"Meu único plano agora é amadurecer". A frase de Paul McCartney encerra um comunicado enviado à imprensa no dia 10 de abril de 1970 para divulgar seu primeiro álbum solo, "McCartney". Na nota, há exatos 40 anos, o baixista anunciava sua saída dos Beatles e consequentemente o fim do maior fenômeno da música pop em todos os tempos. Quatro décadas depois, uma legião de fãs e músicos ainda lamenta o fato, mas também celebra o legado deixado por McCartney, George Harrison, John Lennon e Ringo Starr. No Brasil, o produtor musical Marcelo Fróes organizou o projeto "Beatles 70", álbum que presta tributo ao repertório gravado pela banda no ano de sua dissolução.

"Este disco fecha a trilogia que iniciei em 2008, com a celebração dos 40 anos de lançamento do 'Álbum branco'. Na ocasião, reuni artistas brasileiros para regravar canções dos Beatles relativas ao ano de 1968. Em 2009, a festa foi para 'Abbey road', que também fez aniversário. O projeto 'Beatles 69' foi composto por três CDs, com versões para as músicas gravadas em 1969. Agora é a vez de 'Let it be', que também vai se tornar um quarentão no dia 8 de maio", explicou o produtor.

Motivação especial

"Beatles 70", que será lançado no final deste mês pelo selo Discobertas, conta com as participações de Arnaldo Antunes, Zé Ramalho, Cássia Eller, entre outros, mas, segundo Fróes, a grande motivação para a realização de mais este projeto foi a presença da dupla Sá & Guarabyra.

A dupla Sá & Guarabyra durante a gravação da música "Let it be" (Foto: Marcelo Fróes/Arquivo pessoal)

"Eles participariam do projeto anterior com Zé Rodrix, mas desistiram por causa da morte do cantor e compositor em abril do ano passado. Desta vez pude contar com os dois na faixa 'Let it be'. Foi a primeira gravação da dupla após a morte de Zé Rodrix", disse Fróes.

Outro destaque é a participação de Rodrigo Santos, Guto Goffi e Fernando Magalhães, baixista, baterista e guitarrista do Barão Vermelho, respectivamente, que se reuníram para recriar a canção "For your blue", de George Harrison.

"Acho que desde que o Barão entrou em recesso, em 2005, que eles não trabalhavam juntos. Rodrigo fez um dueto com uma cantora chamada Marília Bessy que ficou belíssimo", conta o produtor.

A banda de de hard rock Dr. Sin contribuiu com "Dig a pony", de John Lennon, e fez uma referência especial. "Eles tiveram a sacada de colocar o mesmo riff de guitarra da versão que Joe Cocker gravou para "With a little help from my friends" no verso 'All I want is you'", relembra Fróes.

Ele adiantou ainda que um DVD com material registrado em vídeo, durante a produção dos três projetos, deve ser lançado ainda este ano. "Muita coisa foi filmada. Teremos videoclipes e mais algumas surpresas".

Shea Stadium

Enquanto isso, um outro DVD chega às lojas embalado pela efeméride. "The Beatles: live at Shea" (Coqueiro Verde) traz o famoso show do quarteto no Shea Stadium, em Nova York, que ficou conhecido como o primeiro concerto da história do rock realizado num estádio a céu aberto.

Datada de 15 de agosto de 1965, a apresentação foi registrada em cores pela TV norte-americana e exibida pela rede ABC no ano seguinte. Na ocasião, os Beatles promoviam

"Help", seu mais recente álbum, e reuniram um público de 55 mil pessoas, um recorde até então.

O repertório inclui hits da fase "yeah, yeah, yeah", como "Twist and shout", A hard day's night", "Help", "I feel fine" e "Ticket to ride".

O lançamento não chega a ser uma grande novidade, já que cópias não oficiais circulam há muito tempo entre os beatlemaníacos. Nem os extras do DVD acrescentam muito: trazem cenas de bastidores (também bastante conhecidas) comentadas pelos músicos, além de entrevistas comm John, George, Paul e Ringo gravadas anos mais tarde.

A maior curiosidade fica por conta dos trechos dos shows de abertura, da qual participaram a cantora soul Brenda Halloway, os Discoteque Dancers e a banda do saxonofista King Curtis.

ANEXO 6

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2010/04/separacao-dos-beatles-completa-40-anos-neste-sabado-2868738.html>.Acesso em: 8 de ago. 2012.

10/04/2010 | 11h25

Separação dos Beatles completa 40 anos neste sábado

"Não deixei os Beatles. Os beatles deixaram os Beatles", afirma Paul McCartney na autobiografia do grupo

Há 40 anos, no dia 10 de abril de 1970, Paul McCartney anunciava a separação oficial dos Beatles em comunicado. Pouco tempo depois, John Lennon concluía: o sonho havia terminado.

Na realidade, o grupo já tinha deixado de tocar juntos havia vários meses, quando terminou a gravação do álbum Abbey Road. Os quatro já estavam se dedicando a projetos pessoais, mas ninguém se atrevia a anunciar ao mundo a separação.
— Não deixei os Beatles. Os beatles deixaram os Beatles, mas ninguém quer ser o que diz que a festa terminou — afirma Paul na autobiografia do grupo, Anthology.
Em abril de 1970, Paul lançava seu primeiro disco solo, McCartney, e queria evitar entrevistas nas quais, sem dúvida, seria perguntado sobre a situação dos Beatles. O baixista decidiu que Derek Taylor, assessor de imprensa do grupo, prepararia um questionário, que seria respondido por ele distribuído junto com seu disco.
— Uma das perguntas foi: podemos dizer que os Beatles se separaram? Respondi: Sim. Não voltaremos a tocar juntos — lembra.

Paul estava furioso com o trabalho feito pelo produtor Phil Spector com as fitas que o grupo tinha deixado paradas no ano anterior e que foram retrabalhadas e lançadas no álbum Let it Be.

O trabalho de Spector foi aprovado por John e George Harrison, que não queriam que Paul lançasse seu álbum pela Apple Records — o selo criado pelo grupo — antes que Let it Be e o disco de estreia de Ringo Starr começassem a ser vendidos.
— Estava tão cansado de tudo que disse: 'Quero sair do selo'. A Apple Records era um lindo sonho, mas pensei: 'Quero deixá-lo'. George me disse por telefone: 'Você vai ficar no selo! Hare Krishna!' e desligou — lembra Paul.

Paul afirma que o grupo chegou a seu fim "quando John disse: 'deixo os Beatles'". O vocalista já atuava junto com Yoko Ono em seu próprio grupo, o Plastic Ono Band, com o qual tinha lançado um álbum ao vivo, e, em janeiro de 1970, tinha gravado a música Instant Karma, com George e Spector.

Ringo afirma que, antes do anúncio de Paul, sempre havia a possibilidade de os Beatles continuarem juntos.
— Quando estávamos no estúdio gravando 'Abbey Road' não dissemos: 'acabou: último disco,

última canção' — assegura o baterista.

Mas a separação dos Beatles era inevitável. Como explica George Martin, o produtor que trabalhou com eles no estúdio de gravação durante oito anos, "a ruptura ocorreu por muitos motivos, sobretudo porque cada um dos meninos queria viver sua própria vida e nunca tinham conseguido".

— Acho que nos separamos pelo mesmo motivo pelo qual as pessoas se separam. Precisávamos de mais espaço vital e os Beatles tinham se transformado em um espaço reduzido — afirma Harrison na autobiografia do grupo.

Os quatro integrantes da banda seguiram seus caminhos separadamente, mas nunca deixaram de ser perguntados sobre um possível retorno, opção que foi descartada depois que John foi assassinado em Nova York, no dia 8 de dezembro de 1980.

ANEXO 7

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u668637.shtml>. Acesso em: 8 de ago. 2012.

19/12/2009 - 14h10

"Dossiê Beatles" explica os motivos da separação da banda; veja livros

da Livraria da Folha

O lançamento "Dossie Beatles" explica a separação do quarteto

Mais um lançamento sobre os Beatles chega às livrarias em 2009."Dossiê Beatles", de Daniel Rodrigues Aurélio, conta a trajetória de John, Paul, George e Ringo, responsáveis pela beatlamania. Ainda explica os motivos de separação da banda que influenciou gerações.

O dossiê apresenta e relembra não somente a história da vida dos Beatles, como também as origens de seus integrantes, as dificuldades dos primeiros tempos, o sucesso internacional, até chegar, finalmente, à separação.

Outros livros sobre os Beatles foram lançados esse ano. Dois deles explicam as canções da grupo --um mostra com cada música nasceu e o outro traz todas as informações técnicas--, além de outros volumes que revelam detalhes da vida de John Lennon. Cynthia Lennon, a primeira mulher do artista, é autora de um deles, enquanto o outro foi escrito por um fã que invadiu seu quarto em 1969.

ANEXO 8

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2009/08/12/interna_diversao_arte,134140/index.shtml>. Acesso em: 8 ago. 2012.

1969 Não acabou

Há 40 anos, a música produziu obras-primas que ainda batem alto no coração de fãs de várias idades

Publicação: 12/08/2009 08:00 Atualização: 11/08/2009 22:18

No ano em que o homem chegou à Lua, os Beatles miraram a estratosfera: se despediram dos fãs com Abbey Road, um dos maiores discos da carreira. A guerra incendiava o Vietnã quando os Rolling Stones lançaram Let it bleed, um álbum sangrento já no nome. Nos livros de história, o ano de 1969 é lembrado por avanços científicos, revoluções culturais e uma atmosfera de insegurança e paranoia. Época de contrastes: o planeta assombrado pela Guerra Fria viu o avanço da geração "paz e amor". A música pop espelhou a crise: em 1969, o rock explodiu em mil pedaços — agonizou e renasceu. Acima de tudo, produziu um conjunto de obras-primas que, 40 anos depois, ainda provocam paixões à primeira audição.

É impossível definir uma tendência principal entre os tantos lançamentos que chegaram às lojas naquele ano. Muitos dos clássicos de 1969 se apegavam a estilos tradicionais (o country rock agregou bambas como Bob Dylan e The Band), enquanto outros apontavam decisivamente para o futuro. A gênese do punk está em discos do Stooges, do Velvet Underground e do MC5. O rock progressivo abria asas com o Yes e o Pink Floyd. O heavy metal começava a se formar ao som de Led Zeppelin. O rock britânico encontrava a faceta mais madura (com The Who e The Kinks) e o experimentalismo corria nas veias de Frank Zappa e do Captain Beefheart.

O **Correio** deixou com os fãs brasilienses a tarefa de comentar seis dos grandes discos lançados em 1969: Abbey Road, dos Beatles; Let it bleed, dos Rolling Stones; Led Zeppelin I e II, do Led Zeppelin; Nashville skyline, de Bob Dylan, e The Stooges, do Stooges. Eles são a prova de que o barulho de 1969 ainda ecoa alto no rock. Um ano que ainda não quer calar.

» ABBEY ROAD — THE BEATLES

26 de setembro

No disco duplo de 1968 (a obra-prima conhecida como “álbum branco”), os Beatles já soavam como uma banda em processo de dissolução. Abbey Road é o adeus do quarteto de Liverpool. No ano seguinte, lançariam Let it be, gravado poucos meses antes.

“É o meu favorito dos Beatles. É o disco mais elaborado da banda. Sempre fico em dúvida entre esse e o álbum branco, mas o Abbey Road é mais bem gravado. Ouvi o LP quando eu tinha 13 anos, em 1994. Estava na casa de uma amiga do meu pai. Eu já conhecia alguns discos da fase mais ingênua do grupo, como A hard day’s night (1964). E conhecia Come to gether (faixa de abertura). Mas era diferente. Naquele dia, fiquei ouvindo o disco até o fim. As pessoas não aguentavam mais e eu continuava ouvindo. Para mim, é a obra definitiva deles. Representa o canto de cisne dos Beatles. O álbum branco já apresentava a dissolução da banda, mas, em Abbey Road, você nota a tentativa consciente de um trabalho de equipe. Cada um trazia uma novidade. Minha favorita é You never give me your money. Nos shows, ela cria uma impacto bem legal. Pesquisei muito sobre o disco, conversei com pessoas, descobri bootlegs. É uma despedida.”

» LET IT BLEED — ROLLING STONES

28 de novembro

Luiz Rabelo, 37 anos, vocalista da Cloning Stones. Para outubro, a banda planeja um show em homenagem a Let it bleed

Gravado durante quase todo o ano de 1969, o oitavo álbum dos Stones representa uma fase conturbada e brilhante — para muitos, o auge dos ingleses. Uma parte das músicas foi gravada pelo guitarrista Brian Jones, morto em julho de 1969 e substituído por Mick Taylor.

“Let it bleed é o pontapé da fase que considero a melhor do Stones: o período da ‘santíssima trindade’, ao lado dos discos Sticky fingers (1971) e Exile on Main St. (1972). Esses álbuns fizeram a ponte entre o blues, que é a base da música deles, e as características do rock mais moderno. É possível notar uma aproximação dos Stones com o country rock (na terceira faixa, Country honk), que foi uma influência grande do Gram Parsons, do Flying Burrito Brothers. Tem Gimme shelter e You can’t always get what you want, clássicos absolutos que eles sempre tocam nos shows. Foi um dos primeiros discos deles que ouvi, em 1987. Cheguei aos Rolling Stones nos anos 1980, com a onda do rock. Entrei de cabeça. Eu ouvia em casa, graças aos meus tios. O disco se chama “Deixe sangrar”, e esse título tem tudo a ver com 1969. Foi o ano em que a contracultura encontrou o auge, com o Woodstock, e chegou ao fim com o show dos Stones em Altamont, onde um fã foi esfaqueado e morto pelo

Hell's Angels. O ano terminou em sangue."

» LED ZEPPELIN I E II — LED ZEPPELIN

Gustavo Bill, 25 anos, é guitarrista do High High Suicides e produtor

12 de janeiro e 22 de outubro

Os primeiros discos dos britânicos foram gravados em pouco tempo, mas a mescla de estilos como blues e folk com guitarras distorcidas foi fundamental para a criação do heavy metal. Nos álbuns, as tradições do rock são interpretadas de uma forma singular.

"O primeiro disco do Led Zeppelin foi gravado rapidamente. Eles montaram a banda e saíram em turnê. O repertório é calcado em clássicos do blues com um som mais pesado. Um disco feito na raça, gravado em 30 horas, e que tem clássicos como Dazed and confused. Mostra o lado folk, blues e rock do Led. Um som tradicional, mas com peso. Led Zeppelin II tem sonoridade especial — eles conseguiram condensar as distorções de guitarra sem abalar os ouvidos. É um som denso, como que um sonho. Eles buscavam sonoridades diferentes a cada álbum. O primeiro disco deles que ouvi foi o Led Zeppelin IV (1971), aos 14 anos. Era 1984. Para mim, era como se a música deles já estivesse nos meus antepassados, como se fizesse parte da minha família. Foi uma espécie de déjà vu. Não canso de ouvir. Me emociono cada vez que ouço."

» THE STOOGES — THE STOOGES

Dado Nunes, 28 anos, baixista há nove anos da banda Let it Beatles

5 de agosto

A estreia do quarteto norte-americano liderado por Iggy Pop provocou estranheza: um álbum de rock poderoso e provocativo. Produzido por John Cale, do Velvet Underground, antecipou o punk rock dos anos 1970, o pós-punk dos 1980 e o "novo rock" da geração 2000.

"Quando comprei o disco, eu tinha 16 anos e só ouvia rock nacional. Ele abriu um mundo para mim, mas demorei alguns anos para entendê-lo. Não é um álbum porrada do início ao fim. Foi o primeiro da banda que comprei, mas eu gostava mais de Funhouse (1970) e Raw power (1973). No início, eu achava o mais fraco da banda. Mas, quando você começa a entender o que eles queriam fazer, fica maravilhoso. Comparo ao primeiro do Velvet Underground (lançado em 1967). A produção do John Cale é bem elaborada para um disco que, em teoria, deveria soar cru. A genialidade da coisa é que eles não se basearam em nada: inventaram aquilo tudo. Só tem músicas fantásticas. Cada faixa leva o álbum para um lado. We will fall é uma música de 10 minutos, com vocal arrastado, um noise denso, pesado, que com certeza influenciou o pós-punk dos anos 1980. E ela é a terceira do disco! Um conselho que dou: se você baixou o disco e não gostou, deixe guardado. Um dia vai ouvir de novo e achar genial."

» NASHVILLE SKYLINE — BOB DYLAN

Marcelo Marssal, 34 anos, vocalista da Celebration Band, que faz cover do Led Zeppelin

9 de abril

Humberto Viana de Queiroz, 37 anos, canta Dylan na banda Atacama

Depois de corromper o folk com guitarras elétricas, Dylan surpreendeu mais uma vez: mergulhou na tradição da música rural. Nashville skyline soa ainda mais leve e ensolarado que o anterior, o rústico John Wesley Harding (1967).

"Quando lançou o disco, o Dylan foi muito criticado. Diziam que ele estava cantando no estilo country. Mas as letras são típicas da poesia dele. Mesmo com as músicas de protesto, Dylan sempre falou de amor, das relações humanas. Todos os discos sempre têm um tom criticando a sociedade, os costumes e a atitude de algumas pessoas. Nashville skyline é um trabalho muito bom do começo ao fim, com canções bonitas como Lay lady lay. Na época, ele morava perto de onde foi realizado o Woodstock. Pensavam que ele ia aparecer no festival,

mas uma das características dele é não fazer o que as pessoas esperam. Vivia numa área rural, e naturalmente se voltou para o folk e o country. Conheci a música do Dylan quando eu tinha 13 anos. Meu pai, que morava na cidade, me apresentou Beatles e Rolling Stones. Mas foi um primo meu, caminhoneiro, na Chapada Diamantina, que me mostrou uma coletânea do Dylan. Dos 40 discos dele, já tive 20."